

tos moveis ou tantos objectos d'uso caseiro. D'este modo os patriarchas obteem as informações que precisam. Um finorio, como o velho Dan, sahe furtivamente ao anoitecer, quando a rua está deserta, entra na casa da bruxa, põe-lhe em cima da mesa uma garrafa d'aguardente e convida-a para beber.

— Vamos, boa mulher, diz-lhe elle, mostrando-se alegre, traga a lista e conversemos.

— O que é que precisa?

— Uma esposa para Vanka, minha santa, uma mulher. Vamos, beba um trago; isto faz bem e agora vá buscar o livro. Preciso d'uma mocetona que tenha de seu.

— Ah! responde ella de copo em punho e piscando o olho, quer então vêr a lista. Pois muito bem, meu velhote. Tenho duas raparigas de truz, boas e honestas: tanto uma como outra estão mesmo a calhar para Vanka. Primeiro temos Louscha, uma linda rapariga, mas pobre; olhos azues, sem ainda ter vinte annos, e dentes formosos como perolas, mas... Ah! não quer? Porque? Faça o que quizer; eu mostro-lhe o que tenho: isto é pegar ou largar. Louscha é comida delicada;... não é para desdenhar. Agora aqui temos Dounia, uma rapariga robusta; nunca ninguem teve nada que lhe dizer: só tem um namorado, um rapaz das vizinhanças. Emquanto ao dote, Dounia vale quanto pesa... come pouco e trabalha como um cavallo. Tem quatro *samovars*. Tambem lhe não agrada? Está bem. Dê os parabens á sua fortuna, seu velhote; esta noute teve sorte. Ainda tenho Nadia! E a respeito d'ella fez uma larga enumeração das suas qualidades, dos *samovars* e das colheres de prata que possui.

— É assim que se fazem os casamentos?

— Paga-se um tanto ao parochó, marca-se o dia para o casamento e, com as libações sem fim e as indigestões, tudo termina.

— Mas ainda me não disse nada de Nadia?

— Gosta do nome? Eu gosto mais do nome de Marfuscha. Minha mulher chamava-se Marfa.

-- Nadia é nova e bonita?

— Nova? Tem vinte e nove annos. Bonita! é negra como um tição?

— Vinte e nove annos, ella, e Vanka dezesete!

— Mas é forte e robusta como um cavallo e trabalha muito, comendo pouco.

— Tudo isso seria muito bom se se tra-

tasse d'um escravo para cavar e para dirigir uma carroça.

— Mas é exactamente o qué este patriarcha quer: uma creada para elle e uma companheira para seu filho.

— Mas como é que Vanka consente em tal?

— Daniel faz brilhar ante os olhos do filho as colheres de prata, os brilhantes *samovars*, a roupa e utensilios domesticos. Louscha está longe, o patriarcha tem força de vontade, carrega o sobr'olho, a noiva abraça Vanka e tudo fica concluido.

— Pobre Louscha! onde estará ella hoje?

— Continua a viver no campo para se desenvolver; ainda não é sufficientemente robusta para se casar. Não poderia ainda trabalhar para o marido e para o sogro, como uma mulher deve fazer. E' melhor que espere. Aos vinte e nove annos será tão alta e vigorosa como Nadia; então estará nos casos de casar, as suas loucuras de creança ter-se-hão desvanecido.

Seguimos a estrada, calçada com madeira, para irmos á egreja, que encontramos cheia de gente em trages domingueiros; as mulheres com a camisa a tufar pelo collete vermelho, ornado de pelles e alguns mesmo de filigrana de prata; os homens de casacos aceiados e tendo na cabeça bonés de pelles sendo a parte superior vermelha com borlas d'ouro.

A cerimonia tocava o seu termo: o padre tinha unido os noivos em presença do Todo Poderoso e os recém-casados sahiram do templo radiantes com a sua corôa feita de uma liga de cobre e zinco, reluzente como ouro.

O rei conduz a rainha, cuja idade mais a fazia parecer sua mãe. Ouve-se tanto na Russia fallar nos direitos do marido; as mulheres gostam tanto de levar a sua carga de pau, o que apreciam como prova de muito amor, que, ao vêr passar os dois recém-casados, no espirito se formula a pergunta: Quando será Vanka bastante alto e desenvolvido para se mostrar loucamente apaixonado, para o provar á sua Nadia? Não será tão cedo certamente, o que faria receiar pela felicidade domestica d'aquelle par, se não soubesse que, á falta do filho, o patriarcha saberá dispensar á nora o affecto que o filho por ora lhe não póde patentear.

Com a cabeça ornada com a corôa de metal polido, a pesada noiva, trajando um vestido de brocado e com o olhar fixo nas suas quinze colheres de prata, desce o caminho enlameado para se dirigir á sua nova casa.

As tabernas — a aldeia tem duas para consolação dos seus oitenta habitantes — estão cheias de ruidos e d'animacão. Pequenos e grandes copos d'agua-ardente são incessantemente despejados. Homens altos, muito barbados, teem na mão e despejam grande quantidade d'esse liquido, emquanto que um enxame de rapazes e raparigas, conservando-se n'um silencio timido, se preparam para ir para o quintal terminar a festa do dia com danças e folguedos populares. E' um espectáculo curioso. Mettamos-nos na turba, observemos estes grupos de rapazes e velhos, dispostos em circulo e assistamos ao divertimento. Os rapazes não se misturam com as raparigas: formam grupos distinctos, todos silenciosos, como um agrupamento de mudos. O musico da festa rompe emfim o silencio com a sua guitarra. Um dos dançadores tira o boné, que agita, e curva-se ante a sua preferida. Se o convite é acceite, a rapariga desdobra o seu lenço em signal d'assentimento; o cavalheiro adianta-se, pega n'uma ponta do lenço e o par vem, volteando, collocar-se no meio do jardim. E o mesmo silencio continua: nem uma palavra, nem o mais abafado rir o vem perturbar. Bem hirta, orgulhosa das suas tranças, a dama move-se muito pausadamente, a custo, sem nunca consentir que o par lhe toque na mão. A guitarra continúa a gemer a mesma nota monotona e o premio é conferido pelos espectadores á bella, que durante a festa mostrou maior impassibilidade e se conservou sem fallar, nem sorrir!

Os homens conversam e riem; mas, logo que chegam junto d'uma mulher emmudecem e apenas fazem signaes com os seus bonés; a dama responde-lhe acenando-lhe com o lenço, mas sem proferir o mais singelo monosyllabo.

Estes exercicios choreographicos duram até á hora de deitar, quando os homens, perturbados pelo alcool e mesmo pelo amor, comecam a cambalear e a expellir gritos, que fazem lembrar o bando ruidosamente folgazão de Comus, depois de frequentes libações.

Então o patriarcha recolhe-se a casa, en-

cantado por passar a noute junto de Nadia e das suas colheres de prata.

Mesmo quando o marido é um homem feito, a esposa vem para casa da familia d'este e sujeita-se, incondicionalmente, áquelle viver. Se ella quer tomar parte nas refeições da familia, se, de vez em quando, quer estrear um collete novo, é-lhe preciso conquistar as boas graças do patriarcha e, para isso, obedecer cegamente ás suas ordens. A igreja grega não auctorisa o divorcio; feito o casamento fica-se para sempre ligado, mas nenhum dos esposos tem bastante intelligencia para achar desgraçada a vida que leva, salvo se a colheita das favas escasseou, ou se o patriarcha faz um frequente uso do *knout*.

— E o marido não defende a esposa? perguntei eu ao meu *cicerone*.

— Não, respondeu-me este, nunca, contra seu pae. Um patriarcha é senhor absoluto em sua casa; ninguem n'ella póde intervir, nem o proprio juiz imperial. Está acima da lei. A sua cabana é, não só uma fortaleza, mas tambem uma igreja e, qualquer acto praticado dentro d'ella, é indiscutivel e sagrado.

— Mas se a esposa pedir protecção ao marido contra os maus tratos?

— O marido tem de sujeitar-se. O que aconteceria sem isso! Póde acaso haver duas vontades debaixo do mesmo tecto?

— Então os novos cedem sempre?

— E deveriam resistir? Não teem os velhos direito ao respeito? Não será uma cousa preciosa a experiencia? Vivem os homens uma longa vida sem adquirir a sabedoria, que os annos dão? Dizem que estes usos vão mudar; os rapazes novos governarão a familia e dos patriarchas pouco caso se fará. Que isso não aconteça nos meus dias, que tal não succeda!

— As mulheres submettem-se de bom grado á vontade do patriarcha?

— É o seu dever. Supponhamos que o velho Dan bate em Nadia. Ella vem ter comigo, ou com qualquer outro patriarcha, e mostra-me as suas costas feridas e denegridas pelo chicote. Eu convoco uma reunião de patriarchas para lhe ouvir as queixas. Que resultará? Ella diz-lhes que seu sogro lhe bateu. Elles interrogam-n'a: «Porque te castigaram?» Ella confessa que recusou obedecer quando seu sogro lhe pedia isto ou aquillo; talvez

qualquer cousa que elle não devesse exigir-lhe, que ella não era obrigada a fazer; mas reconhece-se tambem que é necessario não desprestigiar o principio da auctoridade, porque, se o patriarcha não fôr o senhor na sua casa, como o será o ancião na sua aldeia, o governador na provincia, o czar no reino? Todos os agentes da auctoridade se sustentam, aliás tudo se derrocara. Portanto, a as-

sembleia dos patriarchas será d'opinião que Nadia ensandeceu e que uma segunda tarefa lhe fará recuperar a razão.

—Póde a assembleia condemnal-a a ser chicotada?

—Hoje, não; a nova lei prohibe-o, isto é: em publico. Dentro da sua cabana Daniel póde usar do seu *knout* tanto, quanto lhe aprou-
ver.



UMA «TARANTASSE» — Desenho tirado do natural por I. Moynet

A lei, que prohibe a chicotada dada em publico nas mulheres, é do actual reinado; é uma parte do vasto plano de reformas sociaes, que o imperador se propõe realisar. Esta lei não é popular nas aldeias, porque cercea os direitos do sexo forte e abranda a tyrannia dos patriarchas, exercida n'estas pobres creaturas indefezas. Como esta lei não permite que as mulheres sejam castigadas publicamente, os homens inventaram novos castigos, porque entendem que um castigo dado a occultas, quando o amor proprio

não é ferido, não produz os devidos resultados. Mas a sua imaginação é engenhosa, como se verá pelo seguinte exemplo, colhido por mim n'um jornal.

Euphrosine M., mulher d'um camponez da provincia de Kherson, tinha sido suspeitada de muito gravemente ter faltado aos seus deveres. O marido convoca uma assembleia de patriarchas, que lhe ouvem a accusação, sem consentir que a ré se defenda e condemnam-n'a a percorrer a aldeia, em pleno dia, completamente núa. A sentença foi exe-

cutada por um tempo de frio glacial. A desgraçada não pode recorrer para ninguém da sentença do tribunal da aldeia.

Cada aldeia é uma potencia independente: é positivamente um Estado no Estado.

(Continúa).

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado do numero antecedente)

CANTAE, cantae a victoria de Samba. Samba voltou. Que Allah lhe dê uma longa vida para encher de bens aos seus subditos, que fielmente guardarão a memoria dos seus grandes feitos.

Este poema respira tanta coragem e tanto orgulho, que bem desenhavam o caracter da raça negra e mostra quanto perigosas mesmo para nós, podem ser as suas proclamações de guerra. Ainda ultimamente elles provaram que era sempre necessario estar precavido contra quem em tão grande conta se tem.

Não podemos deixar o Senegal sem dizer alguma coisa do entusiasmo com que alguns chefes abraçaram os nossos interesses. O velho Phara Penda tem tomado parte, ha vinte annos, em todas as expedições que temos feito; pertence ás raças nobres do Ouallo. O chefe d'Embilor, Sambadiegn, ao contrario d'aquelle, pertence ás castas reputadas vassallas; é *moul* (da casta dos pescadores). Soube inspirar ao governador uma tal confiança, que elle confiou-lhe a guarda d'um dos postos mais importantes dos arredores de S. Luiz. Sambadiegn manda um cavallo com uma elegancia sem igual. Causa prazer vel-o com o seu olhar faiscante de selvagem, com os cabellos fluctuando ao vento caracolar nas margens do rio, onde mandou construir uma pequena casa á europeia. Vive n'ella. Muitos chefes teem casas de pedra, mas preferem viver em choças de palha.

Ibrahim Caun é o chefe d'uma das aldeias de Podor; pertence á alta aristocracia dos Foulahs, de que Podor era a provincia mais avançada para o lado do Ouallo; desposou a viuva d'um *lam toro*¹. Na época em que a guerra assolava as margens do rio, aonde era muito difficil fazer chegar ordens ou avisos

aos officiaes que estavam na parte mais elevada da região e onde os Foulah, revoltados, massacravam qualquer mensageiro, Ibraim, não encontrando pessoa alguma que levasse as ordens do governador e lêsse as propostas que deviam ser communicadas aos chefes, foi elle em pessoa fazer esta commissão perigosissima. Dirigiu-se á mesquita e, no momento em que todos os fieis, depois de terem adorado Allah, iam tratar dos seus negocios, elle fal-os deter e leu-lhes as ordens emanadas de S. Luiz. Este rasgo d'audacia exasperára contra elle o odio dos assistentes; mas elle é duplamente inviolavel: não está elle na casa do Senhor e não está salvaguardado pelas ordens do governador? Desafia os que o rodeiam a que violem a sua pessoa, revestida d'um caracter sagrado; os seus amigos cercam-n'o e elle sahe da mesquita em triumpho depois de, com a maior simplicidade, ter praticado este acto d'audacia e de fidelidade.

O capitão do rio merece menção especial; é o piloto do rio, de que conhece todos os perigos; chama-lhe pontos. Tudo conhece; não lhe escapa um banco d'areia, a raiz d'uma arvore. E' perguntar-lhe: Piloto quantos pontos ha entre tal sitio e tal sitio? Nunca elle se enganou.

E tambem é valente entre os valentes, este capitão do rio; sempre de olhar attento, as primeiras ballas são sempre dirigidas contra elle, mas está habituado e conserva o maior sangue frio no meio das descargas. Placas de folha de ferro abrigam o tombadilho do seu barco e a tripulação faz pontaria através dos intersticios que ha n'esta grossa blindagem.

Durante a guerra muitas vezes dão-lhe o commando d'uma chalupa. A tripulação mostra tanta coragem como elle; o vau que elle guardar ninguém o passará; tem o mais profundo desprezo pelos mouros e, durante a guerra, muitas vezes á testa dos seus com-

¹ Chama-se *lam toro* ao governador da provincia Fouta-Toro.



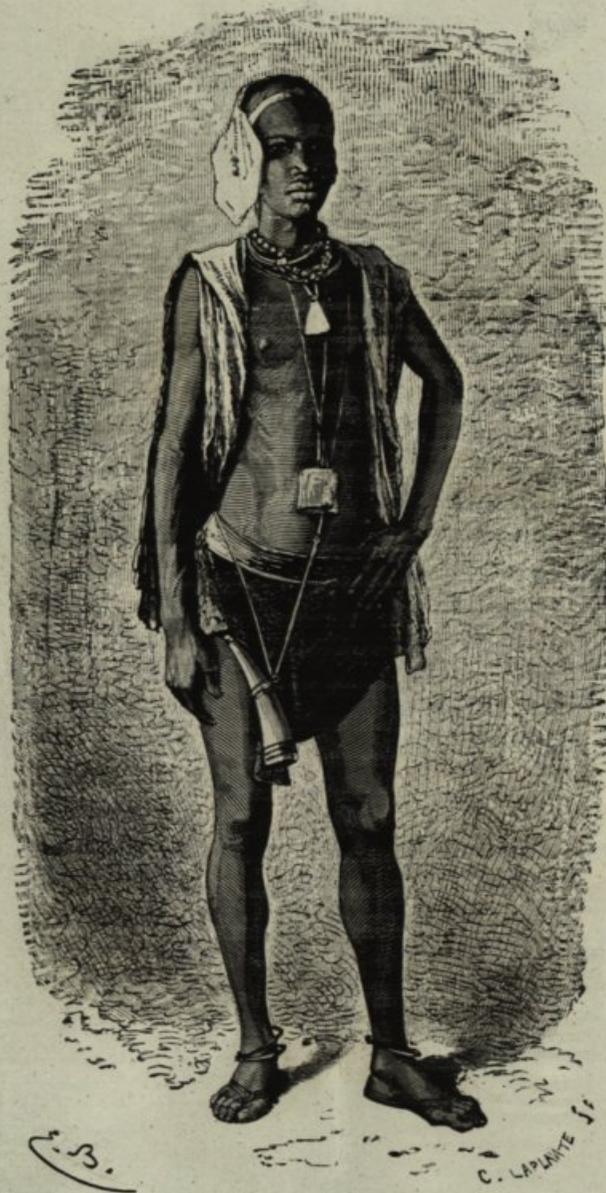
MULHERES DO ALTO SENEGAL: SARAKOLEZAS E KASSONKEZAS - Desenho de Émile Bayard, segundo uma photographia

panheiros faz investidas, contra as aldeias mouras.

Guet N'dar, depois que foi ligado a S. Luiz por uma ponte de madeira e que o mercado d'esta cidade alli se faz, nada perdeu dos

seus caracteres. Unicamente hoje alli se vêem camellos deitados sobre a areia e mouros de cabeça descoberta, que os guardam.

As mouras vão mesmo já até Guet N'dar e vêem-se sentadas a coser entre as filhas



ALTO SENEGAL: PEUL — Desenho de Émile Bayard, segundo uma photographia

negras dos remadores de pirogas. Distinguem-se pelas suas feições delicadas, pela sua côr clara, pelos olhos d'iris d'ouro e pelos longos cabellos sedosos.

João Flamand, chefe dos remadores de pirogas, domina tudo. Vel-o-hão, socegado e sisudo, vir todas as manhãs dar conta ao governador do estado da barra e receber as

suas ordens. Se a barra está boa, duzentas pirogas são lançadas á agua e vão para o largo pescar. A's tres horas vêem-se entrar: é um dos espectaculos mais curiosos a que se pôde assistir; se o mar é bom trepam á crista das vagas e correm com a velocidade d'uma frecha. Mas que sciencia d'equilibrio, que sangue frio, que audacia não é precisa,

quando o mar, revolto, encastella, uns sobre outros, torvos vagalhões, que se chocam e debatem furiosos!

E' uma questão d'honra para João Flámand e para os seus administrados o não

se afogar nunca um europeu nas aguas da barra. Uma vez um official de marinha, que os acompanhava, foi atacado d'epilepsia; apesar dos movimentos convulsivos do ataque, conseguiram salvá-lo.



ALTO SENEGAL: PEUL — Desenho de Émile Bayard, segundo uma photographia

E' uma raça paciente, habil e fiel; dá bons capitães de navio e pilotos da barra.

Nada mais imponente que as barras d'estes grandes rios, quando as aguas da maré se encontram com as aguas do rio, caminhando no mesmo sentido. Como estes rios assim são respeitavelmente perigosos! Um systema de telegraphos põe em communica-

ção o piloto-mór da barra com o gabinete do governador.

Todas as manhãs sahem as chalupas e vão sondar a barra. Os pilotos levam os corroques, com que vão apalpando a altura das aguas, porque a sonda seria arrastada pela corrente e, logo que o piloto pôde determinar o logar mais profundo, a que chamam o

canal, marca-o com umas boias, que são a indicação do caminho a seguir aos navios que n'esse dia entram e sahem a barra.

A passagem na barra não é difficil para os barcos a vapor, mas de janeiro a março esta passagem é d'uma grande difficuldade para os navios de vela; não é raro vêr navios demorarem-se muitos mezes sem que possam entrar. Então a descarga é feita no mar por meio de barcos.

Cayor é uma vasta provincia, habitada pelos Yoloffs; estende-se desde S. Luiz até ao cabo Nase, que fórma a bahia da Goreia. O Cayor ha já muito que sacudia a auctoridade do *bourba* Yoloff; desde então é governado por um chefe, a quem dão o titulo de *damel*. A península do cabo Vert, de que Dakar é a principal povoação, ha mais d'um seculo que se subtrahiu á auctoridade do *damel* para se lançar nos nossos braços e, em diversas épocas, os *damels* teem sido coagidos a reconhecer, como possessão franceza, esta facha de terra. Rufisque é o principal centro commercial de Cayor na bahia da Goreia; serve de deposito aos arachides, que, por terra, veem de Baol e de Sin. A estrada, que

de S. Luiz vae á Goreia, atravessa Cayor; as duas cidades estão ligadas por uma serie de estações telegraphicas, que são outros tantos postos militares. Gandiole, Bétet, Mbyen defendem esta estrada. De Mbyen póde-se ir directamente ou a Dakar, ou a Rufisque.

Foi necessario estabelecer um posto fortificado em Thiés, chamado Pout, para tornar segura a estrada de Rufisque a Baol e igualmente Saloum foi coroado pelo forte Kaolah.

O N'dianbour, o Mbaouar, o Laudal e o Saniokhor foram em 1863 separados do Cayor e annexados á França.

N'gniguis, capital de Cayor, foi igualmente occupada e convertida n'um posto avançado.

Madiodo, em troca d'esta cedencia, recebeu o titulo de *damel*.

Este chefe, bebado incorregivel, não conservou por muito tempo a sua realeza ephemera e o governo de S. Luiz resolveu administrar Cayor directamente.

Todavia, ainda ha um inimigo que nos disputa a posse de Cayor.

(Continúa).

A QUESTÃO DO TRANSVAAL ¹

I

INDEPENDENCIA DO TRANSVAAL RECONHECIDA PELOS INGLEZES EM 1852

Convenção do rio Sand



ACTA de uma reunião celebrada na propriedade do snr. P. A. Venter, Sand River, na sexta-feira 18 de janeiro de 1852, por W. Hogge, major, e C. M. Owen, com-

¹ Este valioso trabalho já publicado n'um opusculo, foi pelo proprio conferente colligido d'uma conferencia feita na *Sociedade de geographia de Lisboa*.

A questão, que o conferente, o illustrado senhor Augusto de Castilho, tratou em sessão nocturna d'aquella sociedade, prende-se tanto com assumptos que hoje entram em todas as conversações que, pedindo venia ao Ex.^{mo} Snr. Augusto de Castilho para reproduzir no nosso periodico o seu intelligente trabalho, julgamos ter prestado aos nossos leitores um bom serviço.

missarios assistentes de Sua Magestade, para a resolução dos negocios das fronteiras oriental e norte-oriental da colonia do Cabo da Boa Esperança, por uma parte, e a seguinte deputação dos lavradores emigrantes residentes ao norte do rio Vaal: A. W. J. Pretorius, commandante general—H. S. Lombard, *landdrost*, (administrador do concelho)—W. F. Joubert, commandante general—C. J. Kruger, commandante—J. N. Grobbelaar, *raads-lide*—P. E. Scholtz,—P. G. Wolmarans, *ouderling*—J. A. van Aswegen, *veldcornet*, (regedor)—F. J. Botes, idem—N. J. S. Basson, idem—J. P. Furstemberg, idem—J. P. Pretorius—J. H. Grobbelaar—J. M. Lehman—P. Schutte—J. C. Kloppers, por outra parte, etc.

1. Os commissarios por parte do Governo Britannico, garantem aos fazendeiros emigrantes de alem do rio Vaal, o direito de tratarem dos seus negocios, e de se governarem conforme leis suas, sem nenhuma interven-

ção por parte do governo Britannico; e que o dito Governo Britannico não praticará usurpações no territorio alem e ao norte do rio Vaal: assegurando-se tambem que o mais ardente desejo do Governo Britannico é promover a paz, o commercio livre, e as relações de amizade com os fazendeiros emigrantes que agora habitam, ou que de futuro venham a habitar aquelle paiz; tendo-se por entendido que este systema de não intervenção é obrigante para ambas as partes.

2. Se porventura qualquer disputa vier de futuro a levantar-se ácerca da verdadeira significação das palavras «Rio Vaal», esta questão, pelo que respeita á linha que vae desde a origem de aquelle rio nos Drakensberg, será resolvida e ajustada por commissarios escolhidos por ambas as partes.

3. Os commissarios de Sua Magestade rejeitam por esta forma toda a alliança com quaesquer nações de pretos ao norte do rio Vaal.

4. Fica ajustado que não será permittida em tempo algum aos emigrantes fazendeiros ao norte do rio Vaal, a posse de escravos.

5. Permittir-se-hão mutuas facilidades e liberdades aos negociantes e viajantes de ambos os lados do rio Vaal; ficando entendido que qualquer carreta com armas vindas do sul do Vaal, apresentará um certificado assignado por um magistrado Britannico ou por outro funcionario devidamente auctorisado para o passar, no qual se declare ao mais proximo magistrado de alem Vaal a quantidade de artigos contidos na carreta, para este proceder em harmonia com o que os regulamentos dos fazendeiros estatuirem. Fica combinado que nenhuma auctoridade Britannica poderá oppor-se a que os Boers emigrantes comprem os seus suprimentos de munições de guerra, em qualquer das colonias ou possessões Britannicas da Africa do Sul; combinando porém as duas partes que prohibirão o commercio de munições com as tribus nativas de ambos os lados do Vaal.

6. Estipula-se que tanto quanto fôr possível, todos os criminosos de qualquer especie que fujam á justiça para qualquer lado do Vaal, serão reciprocamente entregues se assim fôr sollicitado; e que tanto os tribunaes Britannicos como os dos fazendeiros emigrantes estarão mutuamente franqueados a quaesquer processos legitimos; e que as intima-

ções de testemunhas feitas de qualquer lado do rio Vaal para o outro, serão endoçadas pelos magistrados de cada um dos lados respectivamente, para coagirem á comparencia as ditas testemunhas.

7. Combina-se que as certidões de casamentos passadas pelas auctoridades competentes dos fazendeiros emigrantes, serão validas e bastantes para habilitarem os descendentes de taes casamentos a receber o que como taes lhes fôr devido em qualquer colonia ou possessão Britannica na Africa Austral.

8. Fica concordado que qualquer pessoa possuidora de terrenos residente em territorio Britannico, terá direito de vender a sua dita propriedade, e mudar-se sem opposição para alem do rio Vaal e vice versa; comprehendendo-se distinctamente comtudo que esta estipulação não abrange criminosos e devedores, sem que primeiramente tenham satisfeito as suas dividas justas e legaes.

Feito e assignado no rio Sand acima mencionado, hoje 18 de janeiro de 1852.

(a) A. W. J. Pretorius, commandante general — H. S. Lombard, landdrost — W. F. Joubert, commandante general — C. J. Kruger, commandante — W. I. Hogge, commissario assistente — C. Mostyn Owen, commissario assistente — J. N. Grobbelaar — P. E. Scholtz — P. G. Wolmarans — J. A. van Aswegen — F. J. Botes — N. J. S. Basson — J. P. Furstemberg — J. P. Pretorius — J. H. Grobbelaar — J. M. Lehman — P. Schutte — J. C. Kloppers. — Em presença de — (a) John Burnet, secretario do commissario civil de Winburg — (a) J. A. Visagie, secretario.

II

ANNEXAÇÃO DO TRANSVAAL PELOS INGLEZES EM 1877

Decreto Real, sellado com o sello das Armas Reaes, em que Sir Theophilo Shepstone, commendador de S. Miguel e S. Jorge, é nomeado commissario especial para inquerir ácerca de certas perturbações que rebentaram nos territorios visinhos da colonia de Natal, e dando-lhe poderes em certos casos, para exercer a auctoridade e jurisdicção de Sua Magestade sobre taes territorios ou sobre parte d'elles. (Datado de 5 de outubro de 1876).

Victoria Regina.

Victoria, pela Graça de Deus, Rainha do Reino Unido da Grã Bretanha e Irlanda, de-

fensora da fé e Imperatriz da India: ao nosso fiel e bem amado sir Theophilo Shepstone, commendador da nossa muito distincta ordem de S. Miguel e S. Jorge, saudamos.

Attendendo a que graves disturbios teem rebentado nos territorios adjacentes ás nossas colonias da Africa Austral, originando-se d'elles a guerra entre os habitantes brancos e as raças nativas, com grande perigo da paz e da segurança das nossas ditas colonias;

Attendendo a que tendo em attenção a segurança d'essas nossas ditas colonias nos incumbe o dever de averiguar a fundo a origem, a natureza e as circumstancias das mencionadas perturbações, por causa das medidas que tenham de ser adoptadas para evitar a repetição de identicos perigos no futuro;

Attendendo a que póde tornar-se necessario para se obter este fim, que os ditos territorios, ou parte d'elles sejam administrados em nosso nome e por nossa conta;

Sabei que depositando nós plena confiança na vossa lealdade e fidelidade, Sir Theophilo Shepstone, vos nomeamos nosso commissario especial para o fim de fazerdes as investigações acima mencionadas. Auctorisamos-vos pois, para que com a possivel brevidade, e por todos os meios legais, procedaes a esse inquerito, recommendando-vos que vos correspondaes connosco, por intermedio de um dos nossos principaes secretarios de Estado ácerca de quaesquer factos que nos convenha conhecer, e bem assim de quaesquer opiniões que sobre taes factos tiverdes; e se a eventualidade vos parecer tal que seja necessario, para garantir a paz e a segurança das nossas ditas colonias e de subditos nossos n'outras partes, que os ditos territorios, ou qualquer porção ou porções d'elles, sejam provisoriamente, e emquanto nós não fazemos saber a nossa vontade, administrados em nosso nome e por nossa conta; então, e unicamente em tal caso, vos auctorisamos mais, Sir Theophilo Shepstone, a declarardes por uma proclamação vossa, que a partir do dia que n'ella fixardes, a porção de territorio que vós indicardes depois de madura ponderação, ficará annexada aos nossos dominios e formará parte d'elles. E por esta fórma vos constituimos e nomeamos provisoriamente administrador do dito territorio, até que subsequenteemente façamos conhecida a nossa vontade.

Comtanto porém em primeiro lugar, que tal proclamação não será promulgada por vós, a respeito de nenhum districto, territorio ou Estado senão quando vós estiverdes convencido que os seus habitantes, ou um sufficiente numero d'elles, ou o parlamento d'esse paiz, desejam ser nossos subditos, ou quando vos não queiram impôr condições que limitem indevidamente o nosso poder e auctoridade alli. — E em segundo lugar vos recommendamos que, a não se dar que as circumstancias do caso sejam taes, que na vossa opinião tornem necessario que publiqueis sem demora a dita vossa proclamação, só a deveis publicar depois de a terdes submettido á approvação do nosso fiel e muito amado Sir Henry Barkly, Grã Cruz da nossa muito distincta Ordem de S. Miguel e S. Jorge, commendador da nossa muito honrada Ordem do Banho, nosso governador e commandante em chefe da nossa colonia do Cabo da Boa Esperança, e nosso commissario para a decisão e apreciação dos negocios dos territorios adjacentes ou contiguos á fronteira oriental da dita colonia do Cabo da Boa Esperança. Recommendamos-vos mais, que vos conformeis em todas as cousas com as instrucções, que em qualquer occasião vos sejam enviadas em nosso nome, por um dos nossos principaes secretarios de Estado. — E ordenamos e encarregamos a todos os nossos empregados civis e militares, e a todos os outros nossos fieis subditos, que em quaesquer posições em que estejam, e conforme os seus poderes e attribuições respectivas, vos auxiliem na execução d'este nosso decreto; e para que assim se cumpra, este será a vossa garantia.

Paço de Balmoral, aos 5 dias de outubro de 1876, 40.º anno do nosso reinado.

Por ordem de Sua Magestade a Rainha.

Carnarvon.

Proclamação de S. Ex.^{ta} Sir Theophilo Shepstone, commendador da muito distincta Ordem de S. Miguel e S. Jorge, Commissario especial de Sua Magestade na Africa Austral para determinados fins.

Considerando que na conferencia celebrada no dia 16 de janeiro do anno do nascimento de Nosso Senhor de mil oitocentos

cincoenta dois no rio Sand, entre os commissarios ajudantes de Sua Magestade, major Hogge e C. M. Owen por uma parte, e uma deputação dos lavradores emigrantes residentes então ao norte do rio Vaal, por outra parte, á testa dos quaes estava o commandante general A. W. J. Pretorius, os ditos commissarios de Sua Magestade *garantiram aos lavradores emigrantes do norte do rio Vaal, em nome do Governo Britannico e da fôrma mais ampla, o direito de tratarem dos seus negocios, e de se governarem conforme as suas leis, sem nenhuma intervençãõ do Governo Britannico;*

E considerando que os fins evidentes e os motivos determinantes dos commissarios quando outorgaram uma tal garantia ou permissão a pessoas que eram subditos de Sua Magestade, eram: promover a paz, o commercio livre, e a convivencia amigavel com os habitantes do Transvaal e entre elles, na esperanza e na persuasão que o territorio que poucos annos depois, isto é em fevereiro de 1858, ficou sendo conhecido pela denominação de Republica da Africa Austral, viria a ser um Estado florescente e independente, uma origem de força e segurança para as communitades Europeas visinhas, e um foco d'onde o christianismo e a civilização podessem rapidamente propagar-se para o lado da Africa Central;

Considerando que as esperanças e expectativas em que este mutuo accordo se baseava, rasoavel e honradamente, se não realisaram, e que as circumstancias que mais miudamente são enumeradas no meu discurso ao povo, datado de hoje, mostram que por um lado o enfraquecimento progressivo do Estado em si, e por outro, o augmento em maior escala da força real e da confiança entre as tribus nativas, produziram as suas naturaes e inevitaveis consequencias, o que depois melhor se verá pela breve allusão aos factos que, depois de um contacto mais ou menos irritante com os aborigines do Norte, começaram cerca do anno de 1867 e que consistiram no gradual abandono de territorios occupados por habitantes brancos do Estado em cidades bem edificadas e villas, e em propriedades ruraes, que foi seguido pela cessação de dominio effectivo sobre vastas

extensões de paizes incluídos nas fronteiras do Estado, d'onde se seguiu uma independencia de facto que ainda hoje continúa, de grandes tribus nativas alli residentes, que até então se tinham considerado sujeitas;

Que alguns lavradores, que não quizerem perder as casas que tinham creado para suas familias, e das quaes possuíam títulos legaes conferidos pelo Governo do Transvaal, títulos que tinham comtudo cessado, e ainda hoje deixam de protegel-os na sua occupação, fizeram accordos com os regulos cafres, e hoje occupam as suas propriedades sob condições de pagamentos periodicos que a esses regulos fazem, não obstante o reconhecimento tacito que taes pagamentos envolvem;

Que esta decadencia de poder e diminuição de auctoridade ao Norte, está sendo seguida por um igual procedimento ao Sul, sob circumstancias ainda mais perigosas; onde pessoas d'este Estado foram obrigadas nos ultimos tres mezes, por intimação dos regulos cafres, e quasi sem anticipação, a abandonarem as suas fazendas, as suas casas, as suas cearas, das quaes algumas promptas para a colheita, e outros haveres, sendo tudo confiscado pelos cafres; e que o Governo está mais impotente do que nunca para fazer respeitar os seus direitos, ou para resistir á decadencia que assim vae ameaçando a sua existencia; e que toda a confiança na sua estabilidade, que d'antes tinham todas as colonias Europeas circumvisinhas lhe foi retirada;

Que o commercio está quasi totalmente destruído; que o paiz está n'um estado de bancarrota; que os habitantes brancos desgostosos com a sua condição se acham divididos em facções; que o Governo cahiu n'uma incuravel apathia por motivos que elle não poudes nem póde ainda dominar; e que a expectativa da eleição de um novo Presidente, longe de apasiguar a anciedade geral, ou de inspirar esperanza no futuro, é encarada por todos os partidos como devendo provavelmente conduzir a uma guerra civil, com toda a inherente anarchia e derramamento de sangue.

(Continúa).

AUGUSTO DE CASTILHO.

PELO MUNDO

EUROPA

Com um grande zelo e actividade, o ministro da marinha, o sr. Julio de Vilhena, tem-se occupado de tudo quanto pôde interessar á prosperidade das colonias portuguezas. O ministro da marinha trata agora principalmente da organização de quatro estações civilisadoras e commerciaes na Africa portugueza.

Estas estações hão-de ser um nucleo de civilização, e deverão compôr-se de limitado numero de pessoas, entre as quaes haverá um naturalista, um medico, um padre e um professor de instrucção primaria. As demais, serão operarios de differentes officios e agricultores.

Com estes elementos procurar-se-ha educar o indigena, habituando-o ao trabalho, isto é: fazendo com que elle se applique á agricultura, á industria e ao commercio.

No estado actual de recursos que temos, parece-nos esta idéa mais pratica do que a da fundação de colonias; e perfeitamente se comprehende como, por meio de uma acertada escolha de pessoal, se podem formar com os indigenas centros de civilização que affirmem a soberania portugueza, para o que serão preferidos como primeiros pontos aquellos em que essa soberania nos está sendo contestada.

Cremos que as quatro primeiras estações estabelecer-se-hão no Zaire, no Zumbo, no Bihé e na bahia de Tungue.

Os meios com que o ministro conta para a realização do seu plano é claro que não podem sahir das verbas orçamentaes destinadas ao seu ministerio, que já bem apoucadas são, mas o sr. Julio de Vilhena conta encontrar um poderoso auxilio na iniciativa particular, para o que tem já conferenciado, segundo nos consta, com varios negociantes d'aqui, sendo natural que s. ex.ª vá, ou mande pessoa da sua confiança, a essa cidade, a fim de tratar d'este assumpto.

Parece-nos tambem poder affirmar, em virtude do que nos disseram alguns negociantes da praça de Lisboa, que o ministro tem encontrado na classe commercial toda a boa vontade de o coadjuvar em tão util pensamento.

— Na sessão de 4 d'abril da Sociedade de Geographia de Lisboa o sr. Augusto de Castilho apresentou o socio correspondente sr. Moodie, engenheiro e antigo representante do parlamento do Transvaal e um dos principaes membros do comité de Londres, que promove a independencia do estado sul-africano, juntando algumas palavras eloquentes em favor dos boers e a respeito do sr. Moodie, que foram muito applaudidas. Quando o sr. Moodie se levantou para fallar, a assembléa saudou-o com palmas. O sr. Moodie, que pela segunda vez vem a Portugal, é um bello velho, alto e de aspecto intelligente e sympathico. E' inglez e discursou n'esta lingua. Expoz os esforços feitos de ha muito pelos boers para readquirirem a sua independencia, de que brutal e injustamente tinham sido expoliados, as sympathias que a sua causa tinha provocado em todo o mundo e na opinião publica ingleza, e como os maiores estadistas da Inglaterra tinham reprovado a annexação, que aliás alguns d'elles, depois de se acharem no poder, tinham querido sustentar. Disse que a Inglaterra era antes de tudo um paiz profundamente liberal, e que n'este assumpto era manifesto o antagonismo da opinião publica ingleza com a politica governativa d'aquelle paiz, que a final tivera de ceder. Mas que as condições de paz não tinham satisfeito os boers, que estes tinham adquirido novos direitos á sua absoluta independencia, que elles não acreditavam que a Inglaterra pudesse protegê-los, nem precisavam d'essa protecção, e que por isso o comité de Londres resolvera não se dissolver e antes continuar no movimento emancipador encetado. Que por si e pelos seus collegas agradecia á Sociedade de Geographia de Lisboa, e n'esta, á nação portugueza, as sympathias manifestadas pelo Transvaal, que era um paiz lealmente amigo do nosso. A assembléa saudou-o novamente com uma salva de palmas.

O sr. presidente dr. Bocage, comprimentando o sr. Moodie em nome da Sociedade, disse que esta, por dupla razão, respeitava e estimava o Transvaal, porque interessando-se vi-

vamente pela causa da civilização africana, sabia que aquelle paiz poderia prestar os maiores serviços a essa causa, e porque a mesma Sociedade, na sua qualidade de portugueza, qualidade que a acompanha e a todos os socios em todas as questões e a toda a parte, não podia deixar de acompanhar com a sua estima um povo pequeno, laborioso e livre que pugna valente e nobremente pela sua independencia nacional.

ASIA

Diz um jornal estrangeiro:

«Um dos nossos amigos, que viveu durante dez annos no interior de Tong-King, communicou-nos a seguinte noticia:

«A circulação no rio vermelho não encontra, como se tem affirmado, difficuldades graves por parte dos piratas e dos salteadores. Estes, dizem, estabeleceram-se em portos fortificados nas margens do rio e o rei d'Annam é inteiramente impotente para os subjugar. Esta dupla asserção, já por vezes repetida, não tem o menor fundamento.

«O segundo tenente Gros-Desvaux, commandando a *Mas-sue*, foi durante o ultimo anno encarregado d'explorar o rio vermelho e de n'elle fazer estudos. No relatório feito por este official e mandado publicar pelo governo da Conchinchina, vê-se que, durante toda a sua viagem, aquelle official de marinha não encontrou um unico pirata ou salteador».

AFRICA

Os jornaes egypcios noticiam a chegada a Massaouah, a 15 de fevereiro, do commendador Abargues de Sortene, chefe da expedição hespanhola que vae com destino á Abyssinia, ao Choaeh e á Africa Central.

O commendador está concluindo em Massaouah os seus preparativos para penetrar no interior d'Abyssinia; tanto elle como os seus companheiros estão de perfeita saude e vivamente esperançados no bom exito da expedição. Devem partir dentro em poucos dias.

Vae portanto o rei João receber quasi ao mesmo tempo quatro europeus de nacionalidades differentes: M. Rohlf, viajante allemão que deve ter chegado; M. Raffray, consul de França em Massaouah, portador d'uma carta do presidente da Republica Franceza para o rei João; o commendador Abargues encarregado pelo rei Affonso XII de entregar ao rei d'Abyssinia valiosos presentes e M. Mitzaki, consul da Grecia em Suez, esperado em Massaouah dentro em poucos dias e portador das insignias da ordem do Salvador para o rei João.

OCEANIA

Os passageiros, que de Honolulu teem chegado a S. Francisco, pintam um triste quadro do estado sanitario das ilhas de Sandwich. Parece que ultimamente um navio, o *Cassandra*, tinha alli chegado de Cantão com um avultado numero de chinezes, a maior parte dos quaes atacados de bexigas. Mas desembarcaram e a enfermidade propagou-se d'um modo assustador no porto de Honolulu. As auctoridades locais apenas tomaram as medidas de precaução que seriam rascaveis antes dos infeccionados terem communicado com a terra; unicamente já depois de descarregado, mandaram pôr de quarentena o navio. Desde então, e apesar de estarem todas as communicações interditas com os enfermos, cujas habitações estão guardadas á vista, apesar da circulação entre uma e outra ilha estar defesa, a epidemia irrompeu com um grande furor e os estragos são medonhos.

A bandeira amarella fluctua por toda a parte e os habitantes de raça branca teem fugido quasi todos: mas os pobres indigenas morrem aos centos e, por pouco tempo que ainda dure o devastador flagello, a grande ilha ficará completamente deshabitada.

A RUSSIA LIVRE

(Continuado do numero antecedente)

XIX

ALDEIAS REPUBLICANAS — COMMUNISMO

UMA aldeia russa é uma verdadeira republica, governada pelas suas proprias leis, com os seus costumes particulares, tendo á sua frente o chefe que escolheu.

Esta vida social não existe, realmente, senão na grande Russia; é unicamente privilegio dos verdadeiros Russos. Não a ha nem na Finlandia, nem nas provincias do Baltico, menos ainda na Siberia e nos governos d'As-trakhan e de Kazan; é completamente desconhecida em Podolia, nos steppes da Ukraina, nas montanhas da Georgia, nos valles circassianos, nas vertentes do Ural.

A existencia d'estas republicas ruraes nas provincias é o signal mais evidente da existencia da sua nacionalidade. Em toda a parte onde se encontram, a terra é russa e o povo tambem o é.

Estão espalhadas por numerosas provincias, vastas e ricas em virtudes patrioticas. Estendem-se desde os muros de Smolensk até Viatka; desde o golpho Onega até aos acampamentos dos Cossacos do Don. Cobrem um territorio quatro ou cinco vezes maior do que a França, o imperio de Ivan, o Terrivel, essa Russia que se alastra em volta das quatro grandes capitães: Novgorod, Vladimir, Moscou, Pskow. Sessenta ou oitenta homens da mesma condição, tendo um fim commum, assentiram, elles ou os seus paes, a fixarem-se no mesmo logar, a crearem uma aldeia, a elegerem um Ancião, nas mãos do qual depuzeram toda a auctoridade, a possuir a terra em commum e não individualmente, a viverem em cabanas, umas junto das outras. O objecto d'esta associação é a mutualidade de serviços, o apoio reciproco.

Estes aldeões republicanos assentam no solo as bases da sua união. Possuem a terra em commum, não em virtude d'um direito pessoal, mas em nome de todos. Um marido e sua mulher constituem a unidade social, reconhecida pela communa, e qualquer ca-

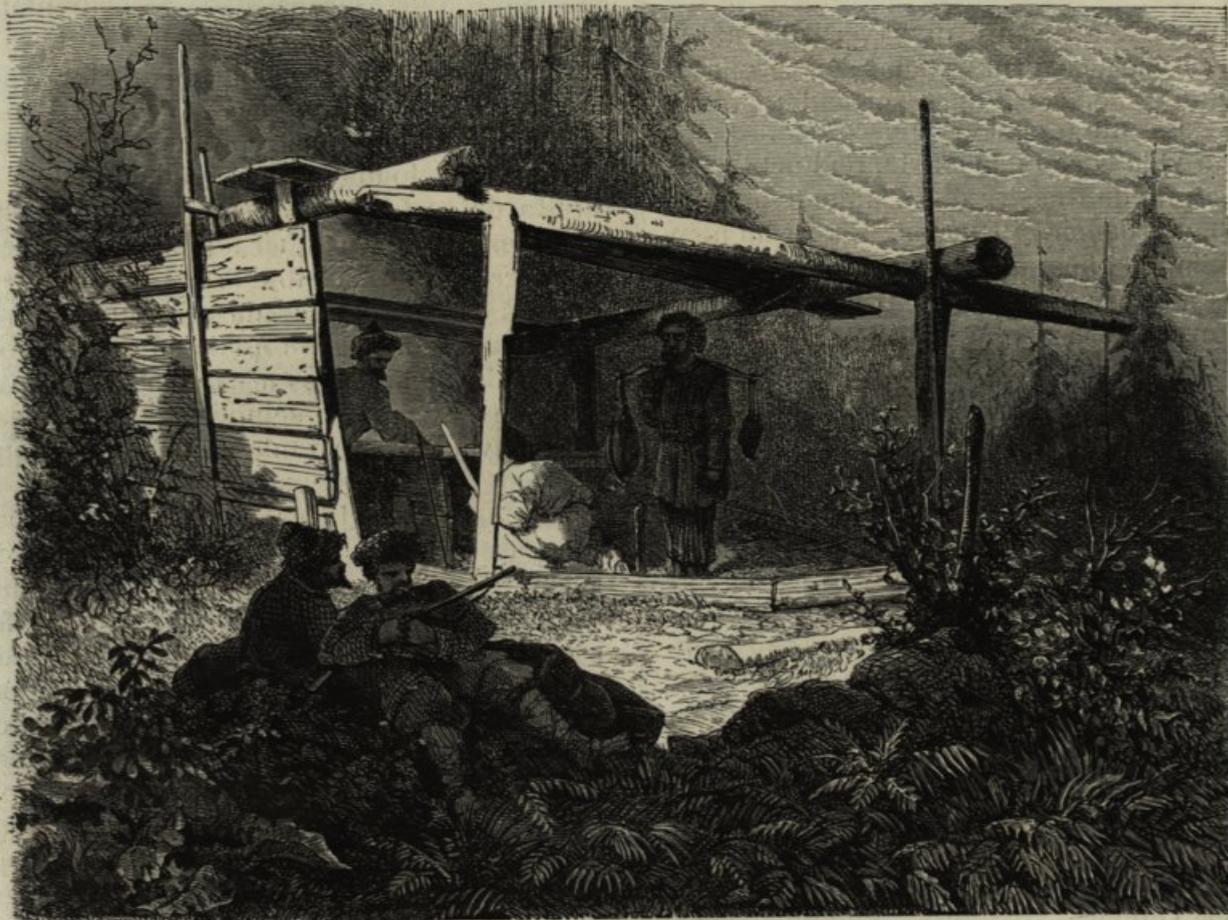
sal tem direito a uma parte proporcionada das terras da communa, tanto de floresta, tanto de terras de lavoira, tanto de terreno para a cultura de legumes, tudo em proporção com o que, a propriedade geral dividida, pôde dar a cada um. Findos tres annos, a posse caduca e faz-se uma nova repartição das terras da communa.

Sendo a aldeia uma republica, em que os homens são todos eguaes, cada um tem o direito de se fazer ouvir no conselho e ahi reclamar contra qualquer injustiça. A superficie territorial é distribuida em tantos lotes, quantas são as familias da communa. Levase, todavia, em conta a qualidade dos terrenos, a distancia d'elles á cabana em que se habita, esforçando-se sempre por compensar os inconvenientes e vantagens de modo que ninguem tenha a queixar-se.

Mas as necessidades, que fizeram nascer estas associações, vão além dos limites da aldeia. Oito ou dez aldeias unem-se para formar um cantão; dez ou doze cantões confederados compõem o *volost* ou centuria. Cada circumscripção se governa pela mesma forma e constitue, na realidade, uma republica local. Os membros d'estas democracias ruraes desde muito tempo que arrogaram a si direitos locais arbitrarios e absolutos, perante os quaes os ministros e os juizes julgam prudente fechar os olhos. Escolhem os Anciões, formam tribunaes e proferem sentenças. Convocam assembleias, formulam leis e discutem os negocios da communa. Podem retirar a auctoridade aos seus Anciões e dar-lhes successores. Uma republica rural é modelada pela familia; não permite que ninguem, a ella extranho, intervenha nos seus negocios e exerce poderes que o imperador lhe não conferiu, mas tambem que não tenta avocar a si. O Ancião (*Starosta* em russo) é o chefe da aldeia. E' eleito pela communa e tirado d'entre os seus habitantes; o seu mandato dura tres annos, mas raramente acontece que, no fim d'esse periodo, o mandato lhe seja caçado: frequentemente se vêem homens eleitos para estas funcções aos quarenta annos desempenal-as até ao fim da sua vida.

Este magistrado está investido de singulares funcções; é uma personagem reconhecida como auctoridade civil e simultaneamente um patriarcha revestido de direitos domesticos. Algumas das suas attribuições vão além da lei e d'encontro aos artigos do código imperial. Um Ancião, presidindo ao tribunal da communa, conserva o poder de

mandar applicar a pena do *knout*. Ninguém mais na Russia, desde o senhor nas suas terras até ao general no seu acampamento, ao negociante na sua loja, ao viajante no seu trenó, póde legalmente chicotear um subdito do czar. Por uma feliz inspiração, Alexandre II, com um traço de penna inaugurou, pelo menos no que respeita ao



ACAMPAMENTO DE REFRACTARIOS — Desenho tirado do natural por I. Moynet

knout, a egualdade perante a lei; todas as infracções d'estas disposições humanitarias são punidas com tal severidade, que a brutalidade das classes superiores se tem detido verdadeiramente desconcertada. Mas um Ancião na sua aldeia, sustentado pelos seus administrados, affronta as ordens imperiaes e calca aos pés as prescripções do código. Mesmo nos mais graves negocios, sobre os quaes os tribunaes imperiaes já tiverem proferido sentença, a communa póde avocar a si o processo e annullar a sentença, se assim o entender conveniente.

A nenhum habitante é permittido sahir da sua aldeia sem prévia auctorisação do Ancião, que lhe dá um passaporte e que o póde chamar á aldeia quando quizer, sem ter necessidade de lhe dar explicações. O ausente deve obedecer, sob pena de ser excluido da communa, isto é, expulso da sociedade. A policia, n'este caso, tem o direito de o prender como vagabundo.

Os parlamentos ruraes tem annualmente uma sessão, durante a qual qualquer possuidor d'um lote de terras da communa tem o direito de ser ouvido. O suffragio é uni-

versal; o voto é escrutinado. O mais infimo membro da communa pôde apresentar projectos ao Ancião, a quem incumbem as funções de presidente do parlamento, que os tem de submeter ás deliberações da assembleia.

Os negocios, que se poderiam chamar externos, conservação dos caminhos vicinaes, pesca, exploração das florestas são tratados

não com as auctoridades do czar, mas com os delegados dos cantões e do *volost*, sendo só estes que teem acesso junto dos generaes, governadores e chefes da policia. Os ministros nada teem a tratar com os individuos; recebidos os avisos de que estão lançados os impostos e de que está fixado o contingente das recrutas, o cantão e o *volost*



CABANA DE REFRACTARIOS — Desenho tirado do natural por I. Moynet

fornecem o dinheiro e os homens. A corôa limita-se a expedir as ordens; as contribuições são pagas e os soldados são enviados ao logar préviamente designado. Um systema tão efficaz, tão economico, offerece taes vantagens ao Estado, que nem os maiores despotas, nem os maiores sabios reformadores ousaram ainda tocar na organização d'estas republicas agrarias.

Esta organização rural não tem nenhuma outra que lhe seja comparavel, nem em paizes estrangeiros, nem mesmo em outras partes da Russia. Os homens, que se abrigam

debaixo d'aquellas cabanas, que agriculturam aquelles campos possuem um systema social, de que em vão se procuraria o seu equivalente em outra qualquer parte. As suas leis são simplesmente oraes, as suas franquias datam de tempos immemoriaes. Governam-se a si proprios, administram-se como o entendem; formam um tribunal independente, castigam com multas, condemnam ao *knout*, proferem sentenças de exilio, degradam para a Siberia os que attrahiram sobre si a animadversão da communa; emfim, servem-se da auctoridade do Es-

tado para fazer executar as suas sentenças. A respeito das republicas ruraes estão-se agora tomando minuciosas informações; todos os dias sobre este assumpto se levantam, entre os empregados do Estado e na imprensa, ardentes discussões. Homens, que estão em opposição a todos os pontos da organização social russa, celebram os benefícios da communa russa; homens, que applaudem o resto da organização social do imperio, condemnam as communas.

Um grande numero de eminentes reformadores desejam vê-las prosperar: alguns amigos fieis do czar, como Samarin e Cherkaski, republicanos, como Herzen e Ogareff julgam ter descoberto n'estas sociedades rusticas o germen d'uma nova civilização para o Oriente e para o Occidente. Pelo contrario, sabios distinctos, taes como Valonef, Bungalow e Besobrasof não encontram, na organização das communas russas, senão abusos e vicios; não vêem na sua organização senão um legado da idade de trevas, que deverá desaparecer quando a aurora da liberdade para os habitantes d'aquelle imperio começar a despontar.

E' evidente que estas associações produzem alguns bons resultados. O ministro da guerra e o ministro das finanças estão necessariamente compenetrados d'estas vantagens, porque, tendo necessidade um de recrutar tropas e o outro de receber impostos d'uma maneira rapida e pouco dispendiosa, acham mais commodo ter de tratar com cincoenta mil Anciões, do que tratar com cincoenta milhões de aldeões. O ministro da justiça igualmente não pôde deixar de pensar com gratidão n'estes seus agentes não retribuidos, que estão sempre vigilantes para os individuos da sua communa que se entregam

a maus costumes. Além d'isso, um systema rural, que concede a todos uma porção de terreno, tendê a crear um povo conservador e pacifico. Nenhuma outra raça no mundo é tão affeiçãoada aos seus antigos usos como o povo russo; nenhum outro deseja tão ardentemente a ordem e a paz. Aqui, onde cada um tem a sua porção de terra, o pauperismo abjecto é desconhecido; a Russia não precisa de ter asylas, porque este imperio não é devorado por esse cancro que roe as sociedades modernas, o proletariado. Todos os aldeões tem a sua cabana, o seu campo, a sua vacca e ás vezes mesmo o seu cavallo e a competente carroça. Se acontece haver um homem bastante preguiçoso, bastante vil para perder o que possui, ao menos não pôde arrastar á miseria os seus descendentes. Cada habitante tem o seu logar na aldeia e, desde que chegou á idade viril, dão-lhe o seu lote de terras e começa a trabalhar por sua propria conta. O bebado e o vadio morrem sem deixar uma herança de miseria e de vergonha. As communas estimulam o amor filial, o respeito pela velhice; consolidam a egualdade e a fraternidade e sustentam o sentimento da solidariedade e a reciprocidade de serviços. Por um outro lado as communas alimentam as rivalidades do campanario, tendem a isolar a aldeia, a separal-a das cidades, a robustecer os preconceitos de casta; entre as classes agricolas favorecem o erro mais perigoso para um corpo social, o de se julgarem um Estado no Estado. Um aldeão do qual a vida inteira foi absorvida pela sua rebellia, facilmente imagina que o burguez obedece a um poder differente e inferior. Nada sabe do codigo imperial, a não ser que é applicado aos habitantes das cidades.

(Continúa).

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado do numero antecedente)

LATDIOR pertence, como Madiodo, á familia dos *damels*; a corôa devia ter-lhe pertencido por ser filho da *linguiere*¹.

¹ A irmã mais velha do *damel*, que transmite o poder a seu filho, chama-se *linguiere*.

A casta dos Tiedos ou nobres, vassallos directos da corôa, bebados, larapios e inquietos, tem interesse em sustentar os direitos dos principes indigenas, que lhe consentem a pilhagem.

Os habitantes do Cayor pertencem á raça Yoloff; mas, quer seja devido ao clima, quer

á sua mistura com uma outra raça, estes são d'estatura mais elevada e vigorosa que os Yoloffs do rio.

O mahometismo assenhoreou-se dos povos da Senegambia; os Tiedos do Cayor, os Serrères e os Diobas conservaram-se idolatras e crêem n'um Sêr Supremo, que governa por via d'intermediarios. A superstição do *canary*¹ (ou do *bouy*, o deus desconhecido), que existe entre os Bambaras, tambem está entre estes muito espalhada; os *griots* fazem uma casta á parte e em Cayor são mais numerosos do que em qualquer outro local.

VII

Gorêa — População da Gorêa — Dakar — População de Dakar — Escravidão — Escôlas musulmanas — Serrères — Mgr. Kobès — Joal — O Saloum — A Gambia — Albréda — Santa Maria de Bathurst — Maccarthy — Navegação fluvial — População — Commercio.

Desde o cabo Branco até á embocadura do Senegal o aspecto das costas é monotonno; alguns arbustos enfezados cobrem as dunas d'uma vegetação, a que a poeira do deserto dá uma côr pardacenta.

As primeiras arvores que se apresentam ao viajante fatigado com a vista d'este oceano d'areia, apparecem nas proximidades de cabo Verde, que ao norte tem por limites dous monticulos bastante elevados.

Estas collinas, de formação vulcanica e as lavas espalhadas em toda a sua extensão, indicam que este canto do globo foi convulsionado por expansões de fogos subterraneos.

As vertentes do lado do sul estão revestidas de gigantescos *baobabs*, que só no estio se coroam de esplendida verdura; durante o inverno o deserto estende o seu poderoso imperio por sobre toda esta região; uma planicie pouco inclinada se estende desde a base d'estas collinas, até á bahia da Gorêa.

Alguns reservatorios d'agua doce bastam para desenvolver, na quasi ilha comprehendida entre a ponta Almadies, e as aldeias de Dakar, de Yoff e de Hann, uma fertilidade que permite o aqui poder-se cultivar o milho miudo e legumes.

¹ O *canary* é um vaso de louça, que faz lembrar o culto dos Cabiras: Deus manifesta a sua vontade por signaes mysteriosos, conhecidos dos seus adeptos.

Este oasis é extremamente notavel, pois que o solo de S. Luiz é bastante areiento.

A quasi ilha do cabo Verde resguarda do lado do norte a Gorêa, rochedo árido que domina uma enseada magnifica, onde os navios encontram sempre mar chão.

Esta ilhota é coroada por um forte, onde ha casernas e cisternas. Caes e pontilhões de madeira foram construidos para facilitar a descarga; a cidade, edificada na base do rochedo, n'um terreno estreito, recebe tudo da terra firme.

A população da Gorêa é muito densa; as mulatas tem uma belleza e uma altivez, que são tão proverbiases como os seus excellentes costumes. Valentes marinheiros, os *laptots* são afamados pela sua coragem e habilidade; com os seus barcos percorrem todas as péquenas enseadas das costas que separam o Senegal da Serra Leôa e regressam, como as ovelhas zumbidoras, trazendo ao cortiço o producto do seu commercio. A casa do senhor é o ponto de partida e de chegada do *laptot*; ahi nasceu, ahi morrerá; sua mãe, suas irmãs, sua mulher alli vivem. Posto que a escravatura tenha sido abolida ha vinte annos, ainda tem pelo senhor um respeito que o leva muitas vezes a dar-lhe uma parte dos seus ganhos.

A emancipação dos escravos reduziu a população d'esta ilha a uma vida precaria; sobria, emprehendedora, procura no commercio o pão de cada dia; as casas que herdou dos seus ascendentes dão-lhe um certo bem-estar, mas os anneis d'ouro, todas as joias que tanto a lisonjeavam desappareceram e o actual aspecto da cidade, monotonno e frio, nem sequer traz á lembrança a vida alegre e folgada d'outros tempos.

A nossa colonisação africana tem caminhado muito lentamente. Só foi em 1859 que o almirante Protet convenceu o governo a occupar a quasi ilha de cabo Verde. N'esta occasião a engenharia militar traçou em volta da bahia Dakar o plano da cidade futura; dois quebra-mar foram mais tarde construidos para abrigar do alteroso mar do inverno a costa, que, sem elles, era inabordavel na época das chuvas. O quebra-mar exterior, que se adianta pelo mar dentro na direcção do norte-quarto-noroeste, tem um comprimento de trezentos e oitenta metros; está reforçado pelo cabo e na sua construcção foram

empregadas as rochas basálticas dos recifes que abrigam Dakar; o quebra-mar interior tem um comprimento de, pouco mais ou menos, duzentos metros e é paralelo ao primeiro. Posto que estas obras fossem feitas sem qualquer genero d'argamassa, ellas teem resistido aos mares embravecidos do inverno.

Estas obras são defendidas por baterias, que cruzam os seus fogos com o forte, que desde 1840 corôa o vertice da Gorêa. A iluminação da costa torna facil o acesso do porto. Um pharol de primeira classe, cuja luz

se avista trinta milhas ao largo, foi construido sobre um dos monticulos situados ao norte do cabo; a ponta Almadies, onde ha cachopos perigosos, foi illuminada por um pharol de quarta classe; o cabo Bernard tem egualmente um da mesma força. Esta iluminação permite o entrar-se em Dakar a toda a hora do dia ou da noute e unicamente o nevoeiro pôde obrigar os navios a fundearem ao largo; a costa está perfeitamente sondada em todos os sentidos.

Os quebra-mar abrigam o esforço suffi-



PODOR — Desenho de A. Bar, segundo uma photographia

ciente para que os enormes vapores da *Messageries* aqui possam fazer escala.

Estes vapores encontram aqui todos os meios necessarios para se abastecerem de carvão com a maxima rapidez.

Os armazens de carvão da marinha militar e os das *Messageries* teem todas as condições precisas. As officinas d'artilheria estão-se construindo rapidamente e Dakar, muito brevemente, terá um pequeno arsenal marítimo.

A população de Dakar, composta de *Yoloffs*, é geralmente musulmana; os negros são muito fervorosos nas suas preces. Ao nascer do sol vê-os-heis prostrar para adorar o astro que se ergue formoso no horizonte; á tarde enconral-os-heis reunidos e, no momento em que o sol se esconde, diri-

gindo-se para as suas mesquitas, onde se entregam a innumeradas genuflexões, invocam o nome d'Allah.

Os *Toucouleurs* e os *Foulahs* são os seus mestres no Islamismo. E' costume, entre as familias ricas, dar gasalho e sustentar estes marabutos prégadores, que lhes recitam versiculos do alcorão durante parte da noite.

O *Griot* não tem uma religião bem definida; é desavergonhado, bebado, dado a todos os vicios; batendo no seu tamboril, acompanhando-se com gestos expressivos, depressa se vê rodeado por enorme multidão, que, arrastada pelo exemplo, se entrega tambem a mil contorsões cadenciadas.

Depois da sua morte o corpo é depositado sobre uma toalha e as donzellas da sua casta, núas e armadas com uma lança, devem, du-

rante uma noite inteira, disputar-lhe a alma ao demonio, a quem ella pertence. O Griot não póde ser enterrado; o seu cadaver é mettido dentro d'um tronco escavado.

Ainda que em relações, desde tempos immemoraveis, com os europeus, os Yolloffs conservaram os seus costumes patriarchaes. O governo é uma especie de gerontocracia,

de que o chefe é electivo; a escolha d'este está limitada a umas certas familias patricias e a transmissão do poder é collateral pelas mulheres. As successões civis são egualmente collateraes pelas mulheres; a maior parte d'esta gente só possui bens mobiliarios; a terra pertence, em commum, á aldeia.

Todos os annos o chefe da communidade,



FORTE GORÉA — Desenho de A. Bar, segundo uma lithographia

presidindo ao conselho dos Anciões, reparte as terras para cultivar, calculando os lotes segundo a importancia das familias. A propriedade particular, que sempre foi respeitada, começa a vulgarisar-se e de mais em mais se vae insinuando nos costumes dos Yolloffs. Muitas das principaes familias teem-se tornado senhores directos da propriedade e dão então aos seus bens cuidados que não dispensam aos que annualmente lhes cabem em partilha.

Em Dakar existe a polygamia; o numero das mulheres legitimas é de quatro. Quando

se estabelecem, cada chefe de familia faz um cerrado com uma palissada. A civilidade não permite que se entre n'este cerrado sem se ser convidado. Cada familia tem dentro d'elle a sua cubata particular. A habitação do homem distingue-se da das mulheres pela sua fórma rectangular; completam estas vivendas as choças dos escravos, as cosinhas e os curraes.

A escravidão ainda existe entre as povoações Yolloffs como instituição. Os costumes são, todavia, suaves; a condição d'escravo pouco differe da do homem livre. Desde a in-

troducção do islamismo ha um grande numero de libertos, que continuam a viver debaixo da protecção do senhor a que pertenciam, mas não podendo nunca misturar-se com as familias livres, que se lhes conservam sempre superiores. Os filhos que nascem da conjuncção dos homens livres com as escravas formam uma sub-casta, que não póde aspirar ao governo do Estado. O escravo tem um peculio: é comprehendido na distribuição das terras, mas deve levar a colheita para os celeiros do senhor, que póde apropriar-se d'ella em caso de necessidade.

Os marabutos foulahs, que visitam Dakar, são um grande obstaculo a que as crianças dos dous sexos frequentem as nossas escolas; abrem em cada aldeia escolas regidas por elles, que são principalmente frequentadas pelos rapazes, a quem ensinam a lèr e a escrever em caracteres arabes e a quem fazem recitar versículos do alcorão; a isto, e só a isto, se limita a instrucção que lhes ministram. Em geral, na Africa musulmana, as raparigas não recebem cultura alguma intellectual; foi com o fim de subtrahir as crianças á influencia dos marabutos que Mgr. Kobès fundou no Baol, em plena região do fetichismo, a sua missão de Joal.

As populações serrères, que se seguem aos Yoloffs, conservaram os seus costumes fetichistas. Dous grandes deuses, Takhar e Tiourack, presidem aos seus destinos: o primeiro é o grande justiceiro; o segundo é o deus misericordioso, manancial de todos os bens.

Algumas familias teem o privilegio de serem os ministros d'estes deuses. Os sacerdotes conhecem todas as causas que determinam os roubos e os bruxedos. Ninguem affronta impunemente a arvore sagrada, á sombra da qual se deposita a terra calcada pelos pés do accusado, ou a pedra que o sacerdote deve collocar-lhe sobre a cabeça para descobrir a verdade. A prova do fogo ou da agua envenenada, á qual são submettidos os feiticeros, é-lhe geralmente fatal.

Entre os Serrères a herança é directa: o irmão herda das irmãs e administra a fortuna dos sobrinhos. Entre os Nones, fracção dos Serrères, o sobrinho herda na falta de tios. Estes diversos costumes tendem a desaparecer deante do alcorão, que cada vez mais se vae introduzindo entre estes povos.

Desde 1817, data da reconquista da colonia do Senegal, até 1858, o commercio desenvolveu-se pouco nas costas visinhas da Gorêa, posto que esta ilha gose do privilegio de ser um porto franco. A partir de 1858 o governo quiz subtrahir os nossos compatriotas ás pilhagens dos chefes indigenas, que levavam o seu atrevimento a violar e a negar todos os tratados; a fundação de Dakar affirmou a nossa preponderancia n'estas regiões.

O amendoim dá-se perfeitamente nos terrenos circumvisinhos da quasi ilha do cabo Verde; o impulso, que esta cultura deu ao commercio, transformou completamente os costumes dos pretos. A escala que os paquetes da linha do Brazil estão fazendo por Dakar, não póde deixar de favorecer este movimento. Já uma nova cidade se ergue em Dakar, no logar em que se fazem as aguadas.

A necessidade de, em todos os tempos, assegurar a communicacção de S. Luiz com a Gorêa, determinou a construcção d'uma linha telegraphica, que se prolonga pela costa; este trabalho ficou terminado em 1862. As caravanas, que trazem as mercadorias do interior para a bahia da Gorêa, eram frequentemente roubadas por gente de Cayor. Os tratados d'amisade e de commercio, tantas vezes assignados como violados, forçaram a auctoridade do Senegal a occupar no Cayor os pontos estrategicos de N'guiguís, de M'bijen, de M'boro, de Thiés, o que nos assegura o dominio sobre esta região.

As feitorias de Rufisque, de Joal e de Koalah centralisam o commercio do interior. Logo que as perturbações em Cayor tenham desaparecido, Rufisque, situada no interior, disfructará uma grande prosperidade. Joal está situada no Sin, que é habitada, assim como Baol, pelos Serrères e pelos Yoloffs. Joal é hoje o centro d'uma colonia agricola, fundada por Mgr. Kobès, vigario apostolico na Senegambia. Muitas pessoas pediram a concessão de terrenos nas circumvisinhanças das missões; plantaram-nos d'algodão, mas a colheita não correspondeu á expectativa; as plantações foram completamente desvastas pela secca e pelos gafanhotos. Tudo fazia esperar um melhor resultado.

A feitoria de S. José está a quarenta milhas da Gorêa e a seis milhas ao norte de Joal; está situada n'uma bahia abrigada do

lado do norte pela ponta Sarène; do lado do sul pela ponta Diout, onde vem desaguar o rio Fasene. Os navios d'uma certa lotação podem aproximar-se da costa; os barcos de cabotagem encontram no rio Fasene, onde entram por uma barra facil, as commodidades d'um caes de desembarque.

Façamos votos para que os annos futuros coroeem os esforços d'estas guardas avançadas da civilisação africana.

Mgr. Kobès pertence ás ordens do Espirito Santo e do Sagrado Coração de Maria, tendo como auxiliares, na costa d'Africa, as religiosas da Immaculada Conceição de Castres, que possuem conventos na Gorèa e no Gabão, as filhas do Sagrado Coração de Maria, congregação fundada em 1858 e exclusivamente composta de raparigas indigenas.

O Saloum é uma provincia extensa, povoada em parte pelos Serrères e pelos Yoloffs; estende-se desde o Sin até á Gambia; esta região é muito productiva; encontra-se aqui cera, mel, pelles de boi, de cabra, madeira propria para tinturaria.

A occupação da costa, desde o cabo Verde até Saloum, dá uma nova importancia a este rio, de facil accesso aos barcos de cabotagem, que o sobem até Cahone, onde vive o rei. Fizemos para aqui diversas expedições afim de sustentar a nossa auctoridade, que se apoia no forte de Kaolah, situado a curta distancia de Cahone.

O rio de Saloum fórma, com o de Joombas, um vasto estuario que communica com a Gambia por meio do pantano Fellani.

O Saloum é habitado por Serrères. Os Mandingues Sossés estabeleceram-se ao longo do Joombas.

As margens d'estes rios são bem cultivadas e produzem com abundancia arroz, milho miudo e amendoim. Estes productos são transportados em pirogas para Santa Maria de Bathurst, onde os navios francezes veem comprar o amendoim para o levarem a Marselha.

A Gambia pertence á Inglaterra. Com o fim de diminuir as despezas que lhe causariam as diversas feitorias da costa occidental da Africa, a Inglaterra concentrou nas mãos do governador da Serra Leòa o commando de todos os postos que conserva na costa e de que as guarnições foram muito reduzidas. A Gambia, como todos os outros

pontos, soffreu tambem esta redução na guarnição e, por isso, a posição d'esta colonia, que muitas vezes se tem visto obrigada a sustentar guerras com os seus poderosos visinhos, os reis de Barre e do Combo, é bastante precaria. A difficuldade de receber socorros de Serra Leòa, que não está a vento e unicamente lhe póde mandar reforços em barcos a vapor, tem muitas vezes obrigado os governadores da Gambia a pedir auxilio ao governador do Senegal, cuja intervenção activa por muitas vezes tem salvo a colonia ingleza. Estes auxilios são tanto mais naturaes, que a população de Santa Maria é oriunda da Gorèa. Nós possuímos na Gambia um posto militar chamado Albréda, que cedemos aos inglezes em troca do direito que elles tinham de fazer commercio em Portendick.

A feitoria d'Albréda, que eu visitei em 1843, está situada na margem direita acima de Santa Maria, e tres milhas abaixo da ilha de Saint-James, que antigamente defendia a entrada do rio; os terrenos d'Albréda tem pouca extensão, não mais de dous mil metros ao longo do rio. As caravanas do interior veem todas a Albréda. E' preciso atravessar o rio para ir para Santa Maria de Bathurst; esta passagem, muito difficullosa por causa da força da corrente, é um enorme obstaculo, que favorece o commercio d'Albréda. A perda d'Albréda não fez diminuir o commercio francez na Gambia; as pautas da alfandega ingleza sobrecarregaram de onerosos direitos os vinhos, as aguas-ardentes, os tabacos e reservaram para si o monopolio da polvora, do ferro e das armas; mas, comtudo, os Francezes sabem illudir os direitos d'entrada e, como os de sahida são uma insignificancia, os nossos navios continuam a exportar quantidades consideraveis de productos.

A cidade de Santa Maria foi fundada em 1815 na margem esquerda do Gambia, n'um terreno baixo e pouco saudavel, separado da terra firme por uma angra estreita. As construcções seguem as curvas do rio; renques d'arvores assombriam o passeio á beira d'agua. As margens são muito baixas e os navios ancorados communicam com a terra por meio de pontilhões feitos sobre estacaria. Uma bateria insignificante é a unica defeza de Santa Maria.

Os barcos a vapor, calando pouca agua, podem subir o rio até 136 milhas de Santa-Maria; fundeiam diante d'aldeia de Capang. A ilha de Maccarthy está ainda affastada 52 milhas, que se podem andar em pequenos barcos.

O Gambia é innavegavel em Barraconda. D'ahi para cima pôde-se ir em pequenos barcos até Yanamarou, termo da sua navegabilidade.

Maccarthy era celebre entre as tropas colonias por causa do seu duende. Uma legen-

da referia que um sargento, que se suicidára n'um accesso de febre, não faltava, logo que a guarnição era rendida, a apparecer no quarto do novo official e de muito do seu vagar proceder á abertura da correspondencia.

Fatakonda, aldeia habitada pelos Sarra-coletes ou Souinkés, é um ponto abrigado para as caravanas, que, depois de terem seguido o Falémé, se dirigem para o Gambia. Wouli succede a Bondou; a sua população é Mandingue. Fonsoho é o nome da primeira



MARABUTOS DA GORÊA — Desenho de J. Fesquet, segundo uma photographia

aldeia que se encontra no Wouli; as suas cubatas são redondas e cylindricas como as de Cayor.

As caravanas gastam entre dezoito e vinte dias a atravessar os vertices que separam a bacia do alto Senegal da região montanhosa da Gambia. As feitorias da alta Gambia estão abandonadas ás suas forças; a população de Wouli é submissa aos seus chefes, que recebem do governador da Gambia algumas subvenções; mas o almamy do Bondou muitas vezes faz excursões até á Gambia e rouba impunemente as caravanas que frequentam Fatakonda.

Os Mandingues occupam a margem esquerda do Gambia; os Foulahs fazem expedições até á Gambia para roubar rebanhos, mulheres e crianças.

O governador da Serra Leôa dizia-me ha alguns annos que, em consequencia das guerras e dos conflictos de todo o genero com os indigenas, uma população curiosa lhe viera pedir asylo em Santa Maria.

Segundo as tradições d'esta gente, os antepassados d'este povo fixaram-se na Africa n'uma época indeterminada; não sabia a que nação teriam pertencido, nem se um naufragio ou a guerra os tinha atirado para estas regiões. Os cabellos corredios e compridos e a sua côr pouco escura faziam suppôr que descendessem dos Europeus. O governador, em deferimento do seu pedido, deu-lhe terrenos por detraz de Santa Maria.

Os inglezes da Gambia professam o culto protestante; os naturaes da Gorêa são catholicos.

VIII

Caçadas na Africa — Deserto — Abestruzes — Abetardas — Pintadas — Leões — Caçadas no rio — Crocodilos — Elephantes — Caçadas no cabo Verde — Jardins de Hann.

Os europeus, que vão para a costa occi-
dental da Africa, teem de mudar os seus ha-

bitos: a caça é quasi o unico passatempo, que lhe póde dar umas horas de prazer; é difficil e perigosa, mas, mesmo por isso, exerce duplicadamente os seus attractivos nos caracteres aventureiros.

O solo das planicies da Senegambia é geralmente arido no estio; então o terreno toma tons avermelhados, muito proprios para dis-



NEGROS CIVILISADOS DA GORÈA — Desenho de A. Neuville, segundo uma photographia

simular a caça, que alli encontra esconderijos seguros.

Ao norte do rio as arvores são raras; nos terrenos mais proximos das margens do Senegal ellas apparecem em feixes, formando pequenas ilhas de verdura no meio de planicies immensas, onde a vista se perde por espaços sem fim, não encontrando a impressional-a senão hervas queimadas pelo sol, areia e um tenue vapor esbranquiçado. Os que se atrevem a entrar n'estes desertos gosam d'um espectáculo grandioso e estranho. O sentido do ouvido desenvolve-se então

extraordinariamente; ruidos desconhecidos chegam até ao viajante, ampliados sem que se distinga a causa que os produz: são as vozes do deserto, porque os desertos, assim como as cidades, tambem teem as suas vozes; mas como estas são mais graves e infundem maior respeito! O homem vê-se isolado no meio d'esta natureza de tons rubros, onde, a cada passo, póde encontrar uma embuscada; o malfeitor póde feril-o do seu antro escondido; os grandes carniceiros, que teem os seus covis entre os juncaes, podem, n'um momento, lançarem-se sobre elle e des-

pedaçal-o; soccorro algum tem a esperar de qualquer ente humano; tem ante si a immensidade, onde a sua voz inutilmente se perderia; é a antithese da audacia e da fraqueza. Quem nunca viu este espectáculo, quem nunca experimentou estas sensações não póde comprehender o hymno de Feliciano David — *O deserto* — nem o fervor dos ascetas; as scenas biblicas só podem ser apreciadas depois de se ter percorrido a Syria e a Africa.

O abestruz deve ser postó á frente das aves africanas; anda em rebanhos e nutre-se com facilidade. Os mouros de Oued Noun e da provincia meridional de Marrocos caçam-no a cavallo. Para isto os cavalleiros montam animaes de grande preço. Formam-se sociedades para a compra e sustento d'um d'estes preciosos cavallos, cuja perda arruinaria um só proprietario. O resultado das caçadas é dividido pelos socios proporcionalmente á entrada que deram para a compra do cavallo, que deve ser do mais puro sangue.

Para sahirem para estas caçadas os ca-

valleiros africanos esperam ordinariamente que o sol esteja na sua maior força. Os cavalleiros são seguidos por camellos, que vão sendo carregados com a caça, á maneira que o pau ferrado dos caçadores a vae lançando por terra. Durante o tempo da caçada os cavallos são exclusivamente alimentados com leite de camello, farinha de cevada e tamaras.

Depois do abestruz, a abetarda é a mais notavel das aves pern'altas. A grande abetarda encontra-se ordinariamente nas planicies frequentadas pelos Mouros, mas a pequena abetarda encontra-se nos campos circumvisinhos da Goréa. Caçam-na a cavallo e com cães. E' um pouco maior que o faisão ordinario; tem as pernas altas, a cauda curta e as azas bem desenvolvidas. Depois de se levantarem tres ou quatro vezes as abetardas ficam fatigadas e com o vôo pesado, podendo-se então matal-as facilmente de cima dos cavallos. Eu matei assim uma, que me cahiu aos pés.

(Continúa).

A QUESTÃO DO TRANSVAAL

(Continuado do numero antecedente)

QUE as condições já referidas induzem fortemente os potentados cafres, visinhos, á tentação de atacarem e fazerem correrias no Estado, para o que se sabe que elles estão promptos, e preparados, e que, pela sua fraqueza, o Estado os não poderá repellir, e das quaes correrias o Estado tem até aqui sido salvo pela influencia repressiva do Governo Britannico, exercitada de Natal pelo representante de Sua Magestade n'aquella colonia, na esperanza, ainda não realisada, de que se poderia chegar talvez a um accordo amigavel entre o Governo do Transvaal e os regulos pretos queixosos;

Que a guerra contra o Secocoeni, que n'um paiz vigoroso produziria apenas uma ligeira impressão, foi, não só fatal para os recursos e para a reputação da Republica, mas se tornou mesmo um factó culminante na historia da Africa Austral, por isso que uma tribu Makati ou de Basutos, nada guerreira, e de nenhuma consideração, na apreciação dos Zulus, resistiu com bom exito ás forças do

Estado, e mostrou pela primeira vez aos potentados negros de fóra da Republica, desde o Zambeze até ao Cabo, a grande mudança que se tinha operado na força relativa das raças branca e preta; que esta revelação sacudiu e abalou para logo o prestigio dos brancos na Africa Austral, e pôz em perigo todos os estabelecimentos Europeus; que este perigo commum causou uma anciedade universal, e dá a todos os interessados o direito de investigarem as suas causas, e de se precaverem contra as suas consequencias; e impõe áquelles que o podem, o dever de escudarem uma civilisação enfraquecida contra as usurpações da barbarie e da deshumanidade;

E considerando que a inveterada debilidade do governo d'este Estado, proveniente de causas a que atraz rapidamente nos referimos, e que o factó de ter a passada politica da republica não só deixado de conciliar a amizade e boa vontade, mas mesmo affastado o respeito das numerosissimas populações nativas domiciliadas dentro e além das

fronteiras, que talvez excedam um milhão e meio, fazem presumir que será o Transvaal o primeiro que virá a soffrer as consequências de uma pressão que já reduziu a sua vida politica a uma fraquissima condição;

E considerando que a assolação de um Estado visinho e amigo por tribus selvagens aguerridas, não póde por um momento ser encarada pelo governo de Sua Magestade sem a mais sincera e dolorosa solicitude, tanto pelas misérias que um tal acontecimento infligiria nos habitantes do Transvaal, como por causa do perigo e falta de segurança a que exporia as possessões e os subditos de Sua Magestade na Africa Austral; e vendo que as circumstancias présentes, em consequencia da progressiva fraqueza do paiz, já se tornaram tão graves que nem este paiz nem as colonias Britannicas da Africa Austral podem já ser salvas de tão calamitosas circumstancias, senão pela dilatação da auctoridade e protecção de Sua Magestade sobre este Estado, por meio da qual unicamente se póde assegurar uma unidade de fins e de acção, e estabelecer-se uma perspectiva de paz e de prosperidade no futuro;

E considerando que eu me convenci por numerosos discursos, memoriaes e cartas que recebi, e por abundantes provas que a convivencia com muita gente me tem dado, que uma grande proporção dos habitantes do Transvaal, vê mais claramente do que eu o posso descrever, a urgencia e imminencia das circumstancias que os cercam, a situação arruinada do paiz, e a falta dentro d'elle de quaesquer elementos capazes de o salvar do seu estado de abatimento e afflicção, e deseja portanto sinceramente que a auctoridade e governo de Sua Magestade se estabeleçam aqui; e considerando que o Governo tem sido impotente para descobrir e propôr os meios de salvar o paiz, aliviando por consequente as outras populações brancas da Africa Austral do perigo das mais graves eventualidades que as cercam, e não póde rasoavelmente presumir que possue ou que póde vir a possuir os meios de se levantar a uma situação segura e prospera;

E considerando que a crise me parece tal que torna necessario, a fim de garantir a paz e a segurança ao territorio do Transvaal, bem como a paz e a segurança das colonias inglezas, e dos subditos de Sua Magestade n'ou-

tras partes, que o territorio do Transvaal seja provisoriamente, e emquanto a Rainha não mandar o contrario, administrado em seu nome e por sua conta:

Eu, por consequencia, em virtude dos poderes e auctoridade conferida a mim pelo decreto de Sua Magestade datado de Balmoral a 5 de outubro de 1876, e publicado aqui, e na conformidade de instrucções que n'elle se me dão: proclamo e faço saber, que desde a publicação d'este documento, o territorio até aqui conhecido pela denominação de Republica da Africa Austral, como ao presente se acha delimitado, dependente comtudo de quaesquer modificações locaes que mais tarde pareçam necessarias e sejam approvadas por Sua Magestade, se tornará territorio britannico, e eu por esta fórma advirto e intimo os habitantes do Transvaal, de qualquer classe e gerarchia, bem como todos os subditos de Sua Magestade na Africa Austral, a tomarem conhecimento d'esta minha proclamação e a guiarem-se por ella.

E eu por esta fórma proclamo e declaro mais, que tornarei responsaveis quaesquer pessoas que no Transvaal se atrevam, com armas ou sem ellas a oppôr-se á auctoridade de Sua Magestade hoje proclamada, ou que com discursos sediciosos e incendiarios, com exhortações ou por outros modos, incitem ou animem outros a fazerem uma tal opposição, ou que prejudiquem, maltratem, perturbem ou incommodem outros por não estarem com elles d'accordo em assumptos politicos. Intimo mais esses taes que logo que sejam convencidos de algum d'esses crimes, ficarão sujeitos ás duras penalidades que a lei em taes casos ordena; e por esta fórma appello para o povo ordeiro, razoavel e amante da paz do Transvaal para que auxilie e sustente a auctoridade de Sua Magestade.

Proclamo mais, que todos os tribunaes de justiça que actualmente existem para o julgamento de causas crimes e civeis, permanecem e são mantidos em plena força e acção, — e que todos os decretos, julgamentos e sentenças, regulamentos e ordens legalmente lavrados e promulgados, ou que venham a ser feitos n'esses tribunaes, serão tão validos como se esta proclamação não fosse publicada; — todas as obrigações civis, todos os processos e acções civeis, penaes, criminaes ou mixtas, e todos os actos crimi-

nosos aqui commettidos, ou começados ou praticados antes da publicação d'esta proclamação, mas que não estão ainda de todo julgados, podem ser julgados por taes tribunaes, ou por outros que para esse fim, se torne necessario estabelecer.

Proclamo e faço saber que o Transvaal ficará constituindo um governo separado com as suas leis e legislatura á parte, e que Sua Graciosa Magestade deseja que o Transvaal goze das mais plenas regalias legislativas, compatíveis com as circumstancias do paiz e com a intelligencia do seu povo. Que se tomarão as necessarias providencias para que a lingua hollandeza seja praticamente tão official como a lingua ingleza; todas as leis, proclamações e editaes do governo serão publicados na lingua hollandeza; na assembléa legislativa os membros podem indistinctamente usar de qualquer d'ellas como ao presente fazem; e nos tribunaes succederá o mesmo á opção dos pleiteadores. As leis que actualmente vigoram no Estado permanecerão emquanto não forem alteradas pela auctoridade legislativa competente.

Garante-se justiça imparcial ás pessoas e propriedades de brancos e de pretos; mas isto não envolve a concessão de iguaes direitos civis, taes como o exercicio do direito de votarem selvagens, ou de elles poderem vir a ser membros do corpo legislativo, ou finalmente o poderem aspirar a privilegios civis incompatíveis com a sua condição incivilisada.

Ensinar-se-ha ás tribus nativas que vivem dentro da jurisdicção e sob a protecção do governo, a devida obediencia á auctoridade suprema, e far-se-hão contribuir na devida proporção para sustentação do estado que as protege. Todos os direitos *bona fide* a propriedades, garantidos por leis existentes no paiz, e por ellas saccionados, serão respeitadas.

Todos os empregados que ao presente servem o governo, e poderem e quizerem servir sob o novo regimen, terão direito a conservar as suas posições, e as prerogativas que a ellas são inherentes.

Todas as concessões e contractos feitos de boa fé com governo, companhias, ou individuos, em virtude dos quaes o Estado está hoje ligado, serão honradamente mantidos e respeitadas, e o pagamento das dividas do Estado será attendido.

As nomeações e provisões em virtude das quaes os advogados, agrimensores, e outros, são auctorisados a exercer as suas profissões serão respeitadas na conformidade com os termos e as condições de taes nomeações e provisões.

Deus salve a rainha.

Dado e sellado por mim em Pretoria, na Republica da Africa Austral, n'este duodecimo dia de abril do anno do Senhor de mil oito centos setenta sete.

(a) *T. Shepstone*, commissario especial de Sua Magestade.

Por ordem de s. ex.^a (a) *M. Osborne*, secretario.

Proclamação de S. Ex.^a Sir Theophilo Shepstone, commendador da muito distincta Ordem de S. Miguel e S. Jorge, Commissario especial para determinados fins na Africa Austral, e Administrador do governo do Transvaal.

Considerando que em virtude dos poderes a mim conferidos pelo decreto real de Sua Magestade, datado em Balmoral no dia 5 de outubro de 1876, eu declarei por uma proclamação minha d'esta data, que d'então para diante o territorio do Transvaal que até aqui era conhecido pela denominação de Republica da Africa Austral ficava sendo territorio britannico;

E considerando que o mencionado decreto de Sua Magestade me constitue e nomeia, no caso de eu, em virtude do dito decreto, annexar algum territorio á corôa britannica, administrador provisório d'esse territorio, até que a vontade de Sua Magestade seja subsequentemente conhecida;

Por isso, portanto, em virtude dos poderes acima referidos, proclamo e faço saber que assumi hoje a administração do governo do Transvaal, como está descripto na minha proclamação d'esta data, e exijo por esta fórma, determino e ordeno que todos os empregados e todos os subditos de Sua Magestade, e outros habitantes comprehendidos no territorio acima mencionado do Transvaal, me obedeçam n'essa qualidade sob pena de responderem pelo seu comportamento no caso contrario.

E mais requeiro e ordeno a todos os empregados, *landdrosts* (administradores de concelho), *field cornets* (regedores), e outros

collocados em posições officiaes, que me participem por escripto na primeira oppor-tunidade de correio depois da publicação d'esta proclamação, a sua vontade de continuarem ou não, sob a nova fórma de governo, a occuparem as situações em que agora estão.

Deus salve a rainha. — Dada e sellada por mim em Pretoria, Transvaal, n'este duodecimo dia de abril do anno do Senhor de mil oito centos setenta e sete.

(a) *T. Shepstone*, commissario especial de Sua Magestade e administrador do governo.

Por ordem de sua excellencia, (a) *M. Osborn*, secretario.

III

PROTESTOS DO TRANSVAAL CONTRA A ANNEXAÇÃO, 1877

Protesto

Considerando que eu, Thomaz François Burgers, presidente da republica da Africa Austral, recebi um despacho, com data de 9 do corrente, de Sir Theophilo Shepstone, commissario especial de Sua Magestade britanica, annunciando-me ter s. ex.^a resolvido, em nome do governo de Sua Magestade, collocar a republica da Africa Austral, por annexação, sob a auctoridade da corôa britanica.

E considerando que sou impotente para com bom exito desembainhar a espada para defender a independencia do Estado contra uma potencia superior como é a Inglaterra, e que tendo além d'isso em attenção o bem estar de toda a Africa Austral, me não sinto inclinado a envolver os seus habitantes brancos em uma guerra desastrosa, por uma attitude minha, determinadamente hostil, sem que primeiramente se tenham empregado por modos pacificos, todos os meios de assegurar os direitos do povo;

Eu, em nome e como representante da auctoridade do governo e do povo da republica da Africa Austral, protesto solemnemente por esta forma contra a projectada annexação.

Dada sob o meu proprio punho, e sellada

com o sello do Estado, na secretaria do governo em Pretoria, no dia 11 de abril do anno de 1877.

Thos. Burgers, presidenté.

Resolução do conselho executivo da republica da Africa Austral, datada de 11 de abril de 1877 — Artigo 7.^o

Foi apresentado um despacho do commissario especial de Sua Magestade Britannica com data de 9 de abril de 1877, participando ter s. exc.^a decidido proclamar sem demora a auctoridade britannica sobre a republica da Africa Austral, e resolveu-se:

Que considerando que o governo de Sua Magestade Britannica, na convenção celebrada no rio Sand em 1852 se obrigou solemnemente a reconhecer a independencia dos povos ao norte do rio Vaal, e considerando que o Governo da republica da Africa Austral não se accusa de ter jamais dado qualquer pretexto para uma acção hostil da parte do Governo de sua Magestade, nem qualquer base para um tal acto de violencia;

Que considerando que este governo sempre se mostrou prompto, e ainda o está a fazer tudo o que justa e equitativamente lhe possa ser exigido, e a affastar todas as causas de desagrado que porventura existam; considerando igualmente que o Governo em todas as occasiões mostrou a sua sincera vontade de entrar na negociação de tratados ou convenios com o Governo de Sua Magestade com o fim de assegurar protecção geral ás populações brancas da Africa Austral, e está ainda prompto a cumprir pontualmente taes convenios; e considerando, segundo se depreheende de declarações publicas de Lord Carnarvon, Secretario de Estado para as colonias, que não existe da parte do Governo Britannico desejo de compellir o povo da Republica da Africa Austral, contra sua vontade, a acceitar a auctoridade do Governo Britannico;

E considerando que o povo tem, por uma grande maioria declarado claramente em memoriaes e d'outras maneiras, que é adverso a essa auctoridade.

(*Continúa*).

AUGUSTO DE CASTILHO.

PELO MUNDO

EUROPA

 sr. ministro da marinha nomeou umas commissões de homens conhecedores, por lá terem estado, das cousas das nossas provincias ultramarinas, a fim de se reorganisar o estado financeiro das nossas possessões.

Sabemos que o illustrado ministro tem o maximo empenho em resolver esta importantissima questão, principalmente no que toca aos nossos estados da India, que, depois do tratado havido com a Inglaterra, segundo o affirma n'um relatório, recentemente publicado no *Jornal do Commercio*, o actual governador Albuquerque vae n'um caminho seguro de prosperidade.

— Foi já assignado e publicado na folha official o contracto celebrado entre o governo portuguez e o *Stafford comité house* para a construcção do caminho de ferro de Mormugão.

O *comité* foi representado por sir Donglos Farster e o governo portuguez pelo sr. ministro da marinha e ultramar.

O contracto é extensissimo e tiraram-se d'elle cópias em inglez e portuguez. E' dos chamados contractos a longo praso, porque vigorará por noventa e nove annos, a contar da data da abertura do caminho de ferro ao serviço publico. O governo concede gratuitamente á companhia todos os terrenos para a construcção da linha ferrea, telegraphos e respectivas dependencias. Os terrenos concedidos e os edificios que n'elles se construirem são isentos de todos os impostos, rendas, direitos e bem assim todo o material importado pela companhia.

São igualmente concedidas á companhia as florestas do estado, que ella poderá explorar gratuitamente, sob a inspecção do governo. Os rendimentos da companhia serão igualmente isentos de impostos. Os telegrammas do governo portuguez no territorio inglez e os do territorio inglez no territorio portuguez serão transmittidos á fronteira gratuitamente e de preferencia a todos os outros.

O governo portuguez pagará todos os seis mezes á companhia a quantia necessaria para dar um dividendo de 5 p. c. sobre 800:000 libras, ficando conio garantia as 400:000 *rupias* que o governo inglez é obrigado a pagar a Portugal pelo contracto de 26 de dezembro de 1878. As obras do caminho de ferro registam-se em 800:000 libras e as do porto de Mormugão em 200:000 libras. N'este poderá a companhia construir caes, dokas, planos inclinados, todas as obras d'arte que queira, exactamente com todas as isenções e privilegios que tem para o caminho de ferro. Findos os 99 annos o governo portuguez tomará conta de todas as obras realisadas, sem nenhum dos encargos da companhia, pagando um valor estipulado pela arbitragem dos peritos.

— A commissão de marinha da Sociedade de Geographia Commercial do Porto, reunida ultimamente, deliberou:

Proceder desde já a um inquerito ácerca dos meios de existencia da classe piscatoria, estudando a melhor forma como se poderá obviar ás irregularidades da exploração da industria da pesca e ás contingencias que lhes são relativas;

Estudar a influencia do caminho de ferro do Douro sobre a navegacão fluvial; e a influencia das linhas ferreas do norte e sul sobre o commercio de cabotagem;

Officiar á commissão nomeada pela portaria de 26 de novembro de 1879, encarregada pelo governo para que estudasse a forma e meios a empregar para o estabelecimento de postos de salvacão, rogando-se-lhe queira fornecer á Sociedade de Geographia os resultados dos seus estudos e trabalhos.

Foi tomado em consideracão um officio da commissão dos capitães de Espozende, chamando a attentão da sociedade sobre as provações por que está passando a marinha merecante nacional.

— M. E. Cambier, capitão d'infanteria, addido ao estado maior do exercito belga que fez parte da expedição da Associação Internacional Africana, chegou a Marselha a bordo do *Ergmanthe*. M. Cambier tinha sido encarregado d'estabelecer em Karéma no lago Tanganyika uma estação hospitaleira e a sua missão foi felizmente levada a cabo. Este corajoso explorador foi substituído, depois de se ter demorado dois annos nos logares visitados por Livingstone, Cameron e Stanley, por quatro via-

jantes belgas dos quaes dois irão para Nyangué depois da estacão das chuvas com o fim de fundar uma segunda estacão hospitaleira. Estes postos são creados com o fim de facilitar a exploração do centro da Africa com intuitos commerciaes, scientificos e religiosos.

AFRICA

A *Companhia Rubattino* acaba de ver surgir uma rival. O sultão de Zanzibar ordenou que tres vapores estabelecessem communicacões regulares entre Zanzibar, Aden, Hodeida, Massanah, Djeddah e Sonakim. Os capitães e a tripulacão são naturaes de Zanzibar, os machinistas são portuguezes.

A 18 de janeiro um vapor, tendo arvorada a bandeira do sultão de Zanzibar, ancorou em Sonakim; tinha a bordo um grande numero de peregrinos e de mercadorias com destino aos diferentes portos do mar vermelho.

— Na ultima sessão da sociedade real de geographia de Londres, M. J. Stewart, engenheiro civil, fez uma communicacão a respeito do lago Nyassa e do caminho fluvial, por meio do qual lá se poderia chegar. O viajante declarou que o fim da sua expedição era determinar a posicão norte do lago Nyassa e de procurar uma communicacão fluvial com o lago Tanganyika. O viajante já reuniu um fundo de 46 contos para a sua empreza. M. J. Stewart já percorreu aquellas regiões e espera que um dia possam chegar barcos a vapor ao lago Tanganyika.

AMERICA

Noticia-se dos Estados-Unidos que o secretario da marinha nomeou uma commissão composta d'officiaes de marinha com o fim de se proporem os meios d'organisar uma expedição naval, que vá em procura da Jeannette ao oceano Artico. O contra-almirante John Rogers foi nomeado presidente da commissão, composta d'officiaes muito distinctos.

— Dizem de Los Angeles que se acaba de fazer no deserto de Mogave uma descoberta, que produzirá uma revolução na viticultura da California do Sul. Dizem que uma pequena haste de uma videira espetada no tronco d'um cactus cresce com tanto vigor como se fosse plantada na terra. Este facto é considerado como d'uma grande importancia, pois que unicamente um homem em um só dia póde plantar uma grande extensão de vinhedo. A cêpa trepa pelo cactus e produz uvas em abundancia, que amadurecem sem mais cultura. Igualmente se afirma que se obteem os mesmos resultados com o melão, com o pepino e com os tomates, plantados da mesma forma nos cactus, de que ha abundancia no deserto, que assim em breve se transformará n'uma verdadeira quinta productiva.

E' claro que apenas damos esta noticia como curiosidade, deixando ao jornal, onde a lêmos, toda a sua responsabilidade.

OCEANIA

Formou-se uma companhia com o fim d'estabelecer na costa da ilha de Bornéo uma nova colonia analoga áquella que, com tanto exito, fundou o rajah Brooke na pequena ilha visinha de Sarawak.

Os iniciadores d'este projecto, para o qual solicitam a proteccão official do governo inglez, estão em relações com os chefes indigenas, que se mostram nas disposições mais favoraveis para com esta tentativa de colonisacão europea.

A immensa extensão da ilha, a riqueza do solo e dos productos naturaes nas raras partes que se tem explorado, fazem olhar com uma grande sympathia para os esforços dos auctores do projecto. A visinhança das Filipinas, das Indias neerlandezas, de Singapura, da Cochinchina e da China meridional facilitarão o começo das relações da colonia projectada, que ulteriormente poderá servir de base para a exploração de toda a ilha e assim abrir á civilisacão e ao commercio um territorio vasto e fertil, ao mesmo tempo que um mercado á actividade dos europeus.

A RUSSIA LIVRE

(Continuado do numero antecedente)

XX

AS CIDADES

COLLOCADAS fóra do cantão e do *volost*, as cidades são regidas por principios totalmente differentes. O burguez tem o poder, que não possui o habitante da aldeia, de comprar e vender, de fabricar e aperfeiçoar, de fazer parte de corporações; comtudo, está tambem agrilhado ao seu officio como o aldeão ao solo. As suas casas são tambem construidas de madeira; mas tintas verdes e côr de rosa dão-lhes um aspecto mais risonho; os pavimentos das ruas são formados de taboas, mas as ruas são largas e bem conservadas. A cidade não se administra a si propria: no ministro, no governador, no chefe da policia encontra os seus tutores. A aldeia é uma republica independente; a cidade é uma fracção do imperio.

Exceptuando cinco ou seis grandes centros de população, todas as cidades russas tem o mesmo aspecto; depois de se terem visitado duas ou tres em differentes pontos do imperio, viram-se todas. Visite-se uma cidade qualquer de segunda classe banhada por um rio, como o são quasi todas, desde o Onega até Rostoff ou desde Nijni a Kremenchug e as primeiras coisas que atrahirão a vossa attenção são: uma torre, uma cadeia, um mercado de peixe, uma cathedral e um bazar. N'uma e n'outra margem do rio erguem-se edificios religiosos; uma ponte de barcas põe em communicção as duas margens. Junto do caes accumulam-se *smacks* e jangadas; aquelles carregados de peixe e estas formadas de troncos de pinheiros. Que multidão no caes! mas que ar grave e pezaroso! Que aspecto pouco limpo tem toda esta gente! A sua tristeza provém do clima, a porcaria é propria do Oriente «sim, sim, diz um *moujick*, fallando d'um dos seus visinhos, é um homem muito respeitavel, veste roupa lavada uma vez por semana». O habitante dos campos come pouca carne; o seu jantar mesmo

nos dias que não são de jejum, compõe-se d'um bocado de pão negro e d'uma posta de bacalhau salgado. E' olhar para elle e reparar como elle lucha por causa d'um *kopek!* Com o artista causa prazer até o tratar negocios; é condescendente, está sempre satisfeito, prompto sempre a contentar o freguez tanto pelas suas obras, como pelas suas palavras; todavia nunca se póde ter uma grande certeza de que cumprirá as promessas que fizer. O artista russo não tem uma noção bem clara do tempo e do espaço e se prometeu entregar uma obra ás dez horas da manhã não será facil fazer-lhes comprehender que fez mal em só a entregar ás onze da noute.

Ao chegar ao mercado sentem-se asphixiantes emanações d'azeite, de sal, de vinagre que se exalam de montões de fructos, de tripas de bacalhau e de sardinhas. Os principaes artigos de venda são pão, loiças de barro, d'estanho, pregos e imagens de santos. O pavimento do mercado não é mais do que um lamaçal immundo pelo meio do qual estão alguns pedregulhos soltos, que auxiliam o comprador a ir d'um lado para o outro.

Um negociante de peixe pertence sempre ao sexo que cada um lhe apraz dar e mesmo, quando revendica para si a honra de pertencer ao bello sexo, é difficil encontrar na sua phisionomia ou no traje qualquer cousa que o distingua do sexo forte, mas aqui não o mais feio. Vendo uma mulher junto do seu marido, sob a acção d'um nordeste vivo, embrulhada na sua pelle de carneiro com umas polainas de pelle de veado, o rosto contrahido pelo frio, as mãos enegrecidas pelo trabalho, seria impossivel o dizer qual dos dois era o homem, se a este a Providencia não lhe tivesse dado a barba como distinctivo. Ha duas cousas, que fazem reconhecer o russo, quando está misturado com habitantes de outros paizes: são a barba e as botas; mas como muitas mulheres usam do mesmo genero de calçado, não ha caracteristico certo para reconhecer o homem, se não os pellos que lhe adornam a face.

No bazar estão as lojas, cavidades profundas, eguaes ás velhas tendas mouriscas de Sevilha e de Granada, em que o negociante está ao balcão, mostrando um pobre sortimento de tecidos, de loiças, de santos e de velas. Depois do pão de cevada e do peixe salgado, os artigos, que teem mais procura, são as imagens de santos e as cartas; na

Russia todo o mundo reza e joga: o nobre no seu club, o negociante na sua loja, o barqueiro no seu barco, o peregrino juncto da cruz. O amor pelo jogo e pela prece parecem ter uma raiz commum: uma especie de fetichismo, a confiança no poder das cousas invisiveis, na virtude do accaso. Como as creanças o Russo prende-se a tudo que é ex-



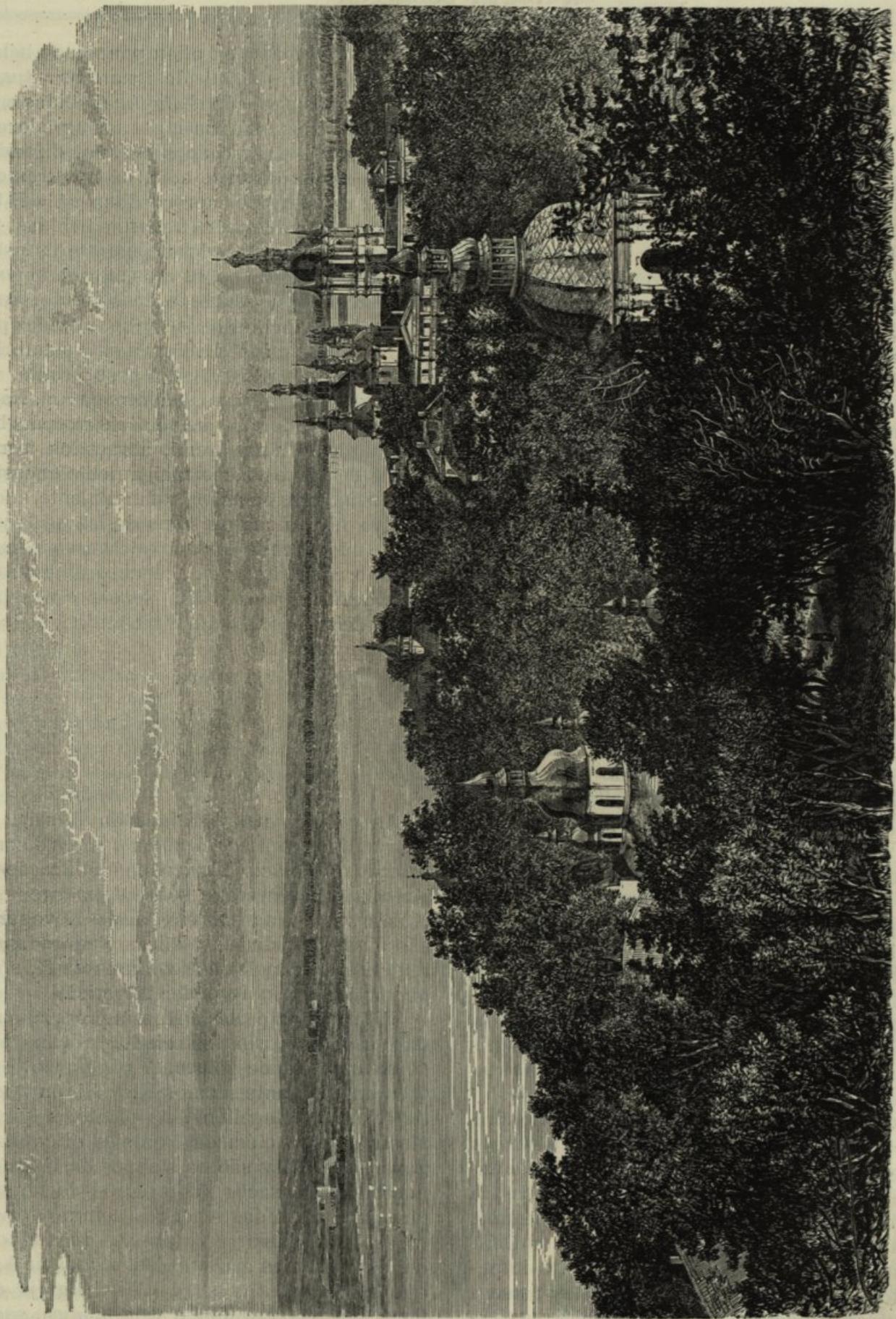
MUSICO D'ALDEIA — Desenho de A. Neuville, segundo uma photographia

traordinario e elle proprio se estima na razão directa da sua credulidade.

Todos arriscam ao jogo quantias enormes, relativamente aos haveres de cada um, e nada mais vulgar, do que ver um burguez, instalado em frente d'um parceiro, perder primeiro o dinheiro, depois as botas, o seu boné, o seu caftan, n'uma palavra tudo quanto tiver em cima de si, incluindo mesmo a camisa. Salvo a agoardente nada tem um poder mais

seguro d'entregar um russo ao demonio, do que um baralho de cartas.

Mas reparem: os jogadores abandonam repentinamente as cartas, descobrem-se e caem de joelhos. Um padre desce a rua com a cruz. E' dia de feira na cidade, vae inaugurar ou benzer alguma das lojas do bazar; aquelles que até ali estavam a jogar a camisa, rezam agora com fervor, humildemente prostrados na rua enlameada.



CONVENTO DE SANTA THEODOSIA, EM KIEV - Desenho de H. Clerget, segundo uma photographia

A cerimonia, pela qual uma loja, uma tenda, uma casa, é consagrada a Deus, tem uma certa poesia. Prevenido antecipadamente, o *pope* fixa a hora para a benção, afim de que parentes e amigos possam assistir. Chegada a hora o padre tira a cruz do altar e, precedido d'um chantre e d'um diacono e seguido d'um menino do côro com o thuribulo, avança por entre uma multidão d'homens e de mulheres ajoelhados, dos quaes a maior parte segue o sacerdote á inauguração, julgando-se muito felizes por tão facil e economicamente poderem aproveitar-se das benções do Senhor.

Depois d'entrar o limiar da loja ou da casa, o padre lê as rezas proprias, abençôa o dono e por fim sagra o edificio, pondo no lugar d'honra a imagem do santo patrono do proprietario, de maneira que nada ali possa ser feito sem que aquella sentinella celeste o veja.

Ainda que bastante ordinarias, debaixo do ponto de vista da arte, estas imagens inspiram respeito e a veneração. A algumas leguas de Tambov vivia uma velha dama, que usava para os seus servos de uma tal crueldade que os desgraçados, exasperados pelas torturas do *knout* e das repetidas prisões, irromperam pelo quarto da feroz velha, annunciando-lhe que era chegado o momento da expiação, que ia morrer. Saltando abaixo da cama, a velha tirou da parede a imagem da Virgem e apresentou-a aos revoltados, como se os desafiasse a que levantassem a mão sobre a Mãe de Deus. Tranzidos de medo, respeitosos, os aggressores retiraram-se sem mal algum fazer á dama. Mas animada com este exito, a velha dependurou novamente a imagem na parede, vestiu um vestido e desceu ao pateo; esqueceu-se que já não estava protegida pelo talisman e os amotinados cahiram-lhe em cima armados de grandes paus e assassinaram-n'a á paulada.

O estrangeiro, que percorre a cidade, fica surprehendido com o numero de tabernas que vê e com a multidão de bebados que encontra. Entre as reformas secundarias a que actualmente o burguez tem de se resignar, convem notar aquella que consiste em diminuir a força alcoolica dos liquidos. O imperador ordenou que os licores fortes fossem diluidos em agua e que cada medida custasse cinco koples, em vez de quinze como até

aqui. Esta reforma agradou pouco aos bebedores de profissão, que designam as actuaes bebidas pelo nome de *dechofka* (bebidas economicas); mas os mais ingenuos agradecem tão grande beneficio ao soberano, dizendo: «Como é bom o nosso czar, dá-nos tres copos de whiskey pelo preço d'um só!» E todavia, apesar de serem fracas as bebidas, fazem vacillar os bebedores, porque os estomagos andam vasis, os musculos com pouco tonicidade e o sangue descolorido. Se o Russo fosse melhor alimentado, a avidez pelas bebidas diminuiria. Felizmente a embriaguez não torna o Russo rixoso; canta, ri, pretende abraçar quem encontra na rua. Nada mais engraçado, do que vêr dois *moujiks* bebados viajar n'um trenó, abraçados ternamente e com as faces meigamente encostadas. Está um bebado profundamente adormecido n'uma rua em cima do lamaçal; um outro não menos bebado atravessa a rua, avista o nosso homem, aconchega-lhe a roupa e pedindo perdão aos deuses e aos homens, deita-se como um terno amigo, ao lado do seu irmão.

XXI

KIEV

As cidades mais antigas da Russia, as suas antigas capitaes, bem anteriores á construcção do Palacio d'Inverno, á edificação de Kremlin que se ergue sobre as margens de Moskowa, n'uma palavra Kiev e Novogorod são ainda as cidades poeticas e adoradas do imperio; a primeira é a columna da fé, a segunda é o esteio do poder imperial.

Kiev não faz parte da Russia propriamente dita e mais d'um historiador a considera como uma cidade polaca. A população é rutheniana. Durante seculos Kiev foi um florão da corôa dos Jagellons. As planicies que se alastram para além da fronteira oriental do governo de Kiev são os steppes da Ukrania, patria dos cossacos Zaparogues, do hetman Mazeppa, terra das legendas commovedoras e dos cantos insurreccionaes. A raça é polaca, os costumes são polacos. E todavia é alli que se encontra o berço d'essa Igreja que fez á sua imagem toda a vida politica, social e domestica da Russia.

A cidade compõe-se de tres bairros, ou antes de tres cidades distinctas: Podol, a Velha Kiev e Petchersk. Todas regorgitam de repartições, d'armazens e de conventos; todavia a primeira é especialmente a séde do commercio, a segunda a do governo e a terceira a dos peregrinos. Construidas sobre penedos alcantilados ellas pendem por cima do Dnieper; a sua população pôde ser calculada em 70 mil almas; divididos em duas reliquias differentes Kiev guarda todos os despojos mortaes do duque pagão, que se tornou o santo mais reverenciado do paiz.

Kiev é a cidade das legendas, dos factos memoraveis; ella viu Santo André, prégando o zelo religioso de Santa Olga, a conversão de S. Vladimir, o assalto dos Mongols, a conquista polaca, a victoria definitiva de Pedro, o Grande. As provincias que estão em volta de Kiev, tiveram um destino commum e dispertam igualmente um grande numero de recordações historicas. A Ukrania, patria de Mazeppa, tem os seus annos fecundos em fugas, em ataques nocturnos, em saques, em pilhagens. Cada aldeia tem a sua legenda, cada cidade o seu poema epico de guerra ou d'amor. Tal capella ergue-se no logar em que um grande duque foi morto, tal eminencia é a sepultura d'uma horda de tartaros; n'aquella planicie feriu-se uma batalha contra os Polacos.

N'esta região os homens são mais bem feitos, mais energicos, as casas melhor construidas e os campos mais bem cultivados que no norte ou no este. A musica é menos monotonica, a agoa-ardente mais forte, o amor mais ardente, os odios mais profundos do que nas outras provincias do imperio. E' a patria de Gogol; foi aqui que elle localisou as suas novellas mais populares.

Junto de duas altas colinas, a uma legua da Velha-Kiev, onde Vladimir, construiu o seu harem e ergueu a estatua do deus pagão, alguns piedosos eremitas, Antonio e Theodosio, escavaram na rocha galerias e cellas subterraneas; aqui elles, modelos de todas as virtudes, viveram e morreram como santos.

A palavra russa que significa subterraneo é *petchera*, pelo que foi dado ao logar, onde passaram a vida aquelles santos eremitas o nome de Petchersk. Por cima das cellas, que os dois eremitas habitaram, cons-

truíram dois conventos sob a invocação de Antonio e de Theodosio que mais tarde se tornaram os santos protectores de Kiev e foram tidos como os patronos de todos os Russos que se dedicam á vida monastica.

Declives suaves atapetados de relva e assombreados por arvores, communicam o convento de Santo Antonio, d'um lado com a velha cidade e do outro com o mosteiro de S. Theodosio. Estes dois edificios, d'um estylo puro e grandioso, d'uma construcção notavel pela sua solidez, são tidos como os mais bellos da Europa oriental. As cupulas e os zimbórios elegantes e de vivas côres, que corôam os dois edificios, são do mais fino gosto; todas as paredes estão ornamentadas com quadros representando factos da vida dos dois santos. Até o solo é sagrado. Uma centena d'eremitas habitam os subterraneos e um grande numero d'homens, victimas voluntarias da penitencia, estão sempre prostrados ante os nichos que ladeiam as galerias subterraneas. Todos choram o pó d'aquelles que alli tem morrido em cheiro de santidade. Pó, disse eu. Que heresia! Nunca os corpos dos santos se decompõem, nunca se corrompem. A pureza da carne na morte não é um signal evidente da sua pureza durante a vida, e os despojos dos bemaventurados não são incorruptiveis como o é a sua alma? No convento de Santo Antonio mostra-se aos visitantes a cabeça de S. Vladimir, ou antes um bocado de velludo que dizem envolvel-a. Affirmam todavia que a pelle conservou a sua natural flexibilidade, os musculos o aspecto de vida e que não tem mau cheiro.

E' difficil a um estrangeiro o ter opinião segura a respeito do estado de conservação d'estes santos: á vista só lhe apresentam tumulos ou um sacco e uma inscripção em linguagem eslava.

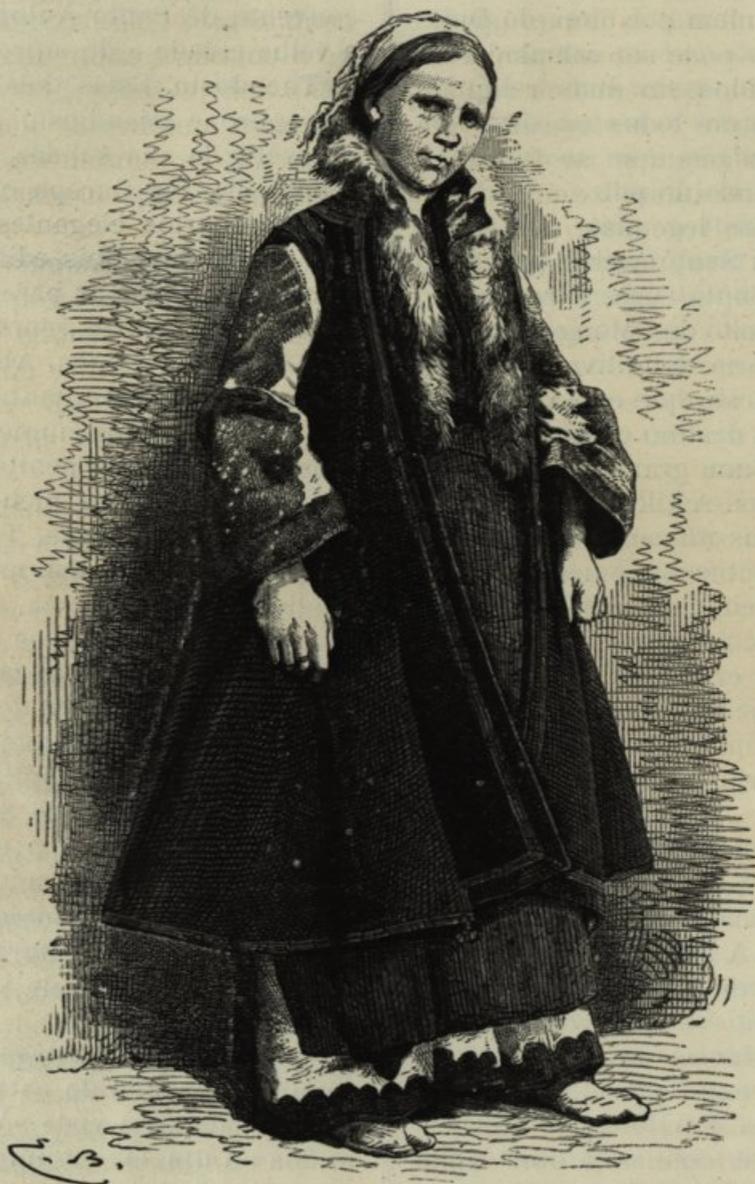
Cincoenta mil peregrinos, Ruthenianos na maior parte, vem durante o verão, dos governos de Podolia, de Kiev e de Volhynie, visitar estas reliquias.

Na epocha em que Kiev sacudiu o jugo Tartaro, as vicissitudes da guerra fizeram d'esta cidade moscovita uma cidade polaca; arrancada ao ramo oriental da raça eslava, foi reunida ao ramo occidental. Até então nunca ella tinha sido russa como Moscou.

De todas as cidades russas do interior é

ella a mais bém situada. Edificada sobre rochedos alcantilados, domina uma immensa extensão de steppes e um poderoso rio navegavel. E' o porto e a capital da Ukraina; os Russos do Dom, do Ural, do Dnies-

ter, teem os olhos fitos n'ella e estão sempre esperando as suas ordens. Com a mão direita appoia-se na Polonia, com a esquerda na Russia. Está ligada á Galicia e á Moldavia, faz frente aos Bulgaros, aos Montenegrinos



HILDBRAND

MULHER RUSSA — Desenho de Émile Bayard, segundo uma photographia

e aos Serbios: é um composto de todas as raças e de todos os cultos eslavos. Um terço da sua população é moscovita, um outro russo e ainda outro polaco. Em religião é orthodoxa, catholica-romana e professa tambem o culto grego. Se alguma cidade da Europa

reune as condições requeridas para ser a capital que a imaginação dos panslavistas sonha, é sem duvida Kiev.

(Continúa).

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado do numero antecedente)

NAS planicies africanas encontram-se numerosos rebanhos d'antilopes que de preferencia frequentam aquellas em que ha nascentes d'agua, onde possam beber. Para os matar o caçador deve esperal-os. E' difficil alcançar algum, a não ser por surpresa, porque, quando os rebanhos pastam, teem sempre de sentinella algum velho macho de

vista penetrante e ouvido fino, que dá signal se algum inimigo se aproxima, e o rebanho foge então com uma rapidez incalculavel. O leão geralmente persegue os rebanhos dos antilopes e faz n'elles terriveis estragos. Comtudo não despreza tambem as pintadas ou gallinhas d'Africa, e sabe com todo o cuidado estudar os habitos d'estas aves, e de tal modo, que muitas vezes com



PALACIO DO GOVERNADOR NA GORÊA — Desenho de A. de B., segun lo uma photographia

um meneio d'uma das suas garras apanha muitas d'uma só vez.

Um official que commandava um dos vapores que estacionava no rio, era muito apaixonado pela caça das pintadas: estas aves são muito selvagens e fogem com uma grande rapidez; só com muita difficuldade se póde aproximar d'ellas. Um dia este official conseguiu aproximar-se d'um bando, e ao levantar o vô, deitou a terra dois formosos exemplares. Dispunha-se já a levantar as suas victimas, quando umas patas terrivelmente armadas e felpudas sahiram de dentro d'uma moita e se apoderaram das duas aves mortas. Escusado é dizer que o caçador nem mesmo tentou disputar a presa ao rei

do deserto. Afastou-se recuando e carregando a sua carabina com duas balas. O leão, esse, como tinha sido servido a tempo, nem se quer se mostrou.

O leão anda só e não é para temer, quando o não atacam. Affirmaram-me que o marabú, uma especie de grou africano, cuja cauda nós vemos adornando muitas vezes a cabeça das nossas parisienses, paira sempre nos logares frequentados pelo leão para se aproveitar dos restos que esta fera deixa dos seus repastos.

As onças que se vêem nas planicies visinhas do Senegal são pouco para temer; a panthera e o leopardo fogem tambem á aproximação do homem. Eu muitas vezes dispa-

rei sobre leopardos sem que estes tentassem voltar atraz.

O chacal acompanha o leão e dizem que muitas vezes é o seu fornecedor. A' noite estes quadrupedes sahem dos seus covis e ouvem-se os seus rugidos lugubres, que muitas vezes chegam a assemelhar-se a gritos de creanças.

O lobo dourado é um pouco maior do que o chacal.

A hyena é pouco de receiar pelo homem. Este carnívoro raramente sahe de dia; as emanações dos corpos em decomposição atraem-no principalmente e frequenta de preferencia os cemiterios. E' preciso rodear os tumulos de grandes pedras e cobril-os de espinhos para preservar os restos que ali descancem da verocidade das hyenas.

Tambem se encontram na Africa uns outros pequenos carnívoros do tamanho d'um cão regular. Tem uma especie de sacco contendo almiscar e são procurados especialmente por causa d'este perfume. Este animal tem uma crina como a hyena. A sua pelle rajada de branco e preto é de nenhum valor.

A caça no rio é muito atrahente em todas as estações. Durante a estação das chuvas requer ella menos trabalho que durante o tempo secco; estando as planicies inundadas a caça amontoa-se sobre as elevações que emergem dos terrenos inundados, e não é raro encontrarem-se leões, javalis e outros quadrupedes aglomerados n'um pequeno espaço.

O crocodilo povôa as aguas do Senegal; a balla redonda não lhe pôde penetrar a couraça, mas a balla conica consegue victimal-os.

Os negros gostam muito da carne do crocodilo, mas o activo cheiro d'almiscar, de que está impregnada, torna-a repugnante para o europeu.

Contam-se muitos factos que fazem acreditar que o instincto do corcodilo é muito desenvolvido. Depois de ter afogado a sua presa, esconde-a em cavernas debaixo d'agua e convida os seus congeneres para a devorarem.

Os negros muitas vezes são arrebatados por estes amphibios. Algumas mulheres mostram uma grande coragem para salvar os filhos, chegando mesmo a sacrificar algum dos seus membros. A tradição diz que é ne-

cessario metter os dedos nos olhos do corcodilo para o fazer largar a presa. E' raro que os corcodilos ataquem os rebanhos, quando atravessam os rios; mas, quando os bois estão isolados e se chegam á beira d'agua para beber, são muitas vezes agarrados pelas ventas e arrastados para o fundo.

A habilidade dos pastores *peuls* é proverbial. Tem nos seus rebanhos uma maravilhosa influencia. Quando o pastor receia o ataque dos homens ou dos carneiros, o rebanho reune-se ou dispersa-se ao signal do pastor, obedecendo sempre pontualmente á sua voz.

Para ir da terra firme para a ilha de Morfil, os rebanhos atravessam o rio em N'dioum ou Saldé; os negros seguem-n'os a nado e muitas vezes são obrigados a agarrar os vitellos para os levarem para o lado para onde se dirigem.

Os hippopotamos são numerosos no Senegal. Encontram-se vestigios d'elles em todos os pantanos que communicam com o Senegal. Caçam-se á espera.

Os negros temem-nos muito, por que lhes destroem as cearas, e logo que se dá signal d'um, aldeias inteiras o perseguem. Os Yoloffs são n'este genero excellentes caçadores.

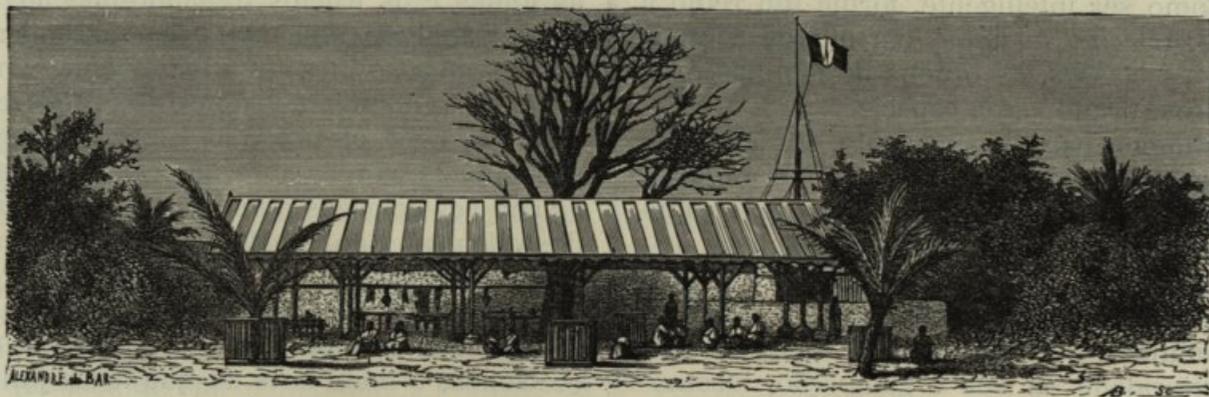
No fim do outono, os macacos concorrem ás margens do Senegal e aos terrenos de Cayor; alguns são pequenos e muito feios e outros são pretos e bastante robustos. Os mais pequenos são uns macacos vermelhos, d'orelhas pelludas e pretas. Saltam d'arvore em arvore ao longo das margens do Senegal, dando um espectáculo extremamente divertido. Quando se mata uma macaca, que tenha um filho, este não a abandona. Os grandes macacos de Galam não abandonam as terras altas do alto Senegal, onde os accusam de assolar as cearas. Estes cynocephalos pertencem a tres ou quatro especies diferentes e são caracterisados pela ausencia da cauda, por terem callos na parte posterior e pelo seu focinho de cão; são intelligentes, colhem com muita habilidade os fructos de que se alimentam; mas o mais das vezes são maus, mordem e atiram com muita destreza e vigor grossas pedras. Agarram-se os macacos mettendo qualquer gulodice dentro d'uma cabaça, onde elles mettem a mão vazia e d'onde a não podem tirar por não largarem o objecto de que se apoderaram.

Durante o tempo que estivemos fundeados na Gorêa, reuniamos-nos muitas vezes oito ou dez caçadores para explorar os campos em volta de Dakar. Os guias e os pretos que nos transportavam, estavam sempre na praia á nossa espera, e nós começavamos a marchar para o interior no meio d'uma escuridão que muitas vezes augmentava por causa do nevoeiro. Geralmente o guia ia na frente e um de nós servia de batedor, indo os outros officiaes atraz, em fila.

Algumas vezes os caçadores noviços teem enganos engraçados. Em 1832 estava eu na Gorêa a bordo da fragata *Hermione*. A's quatro horas da manhã um escaller lançavamos em terra. O guia fez-me parar e disse-

me baixo em Yoloff guisna: «Olha». Uma cabeça pelluda avistava-se por cima da sebe de arbustos d'espinho com que os negros costumam cercar os seus *longhans*, campos semeados. Dei o signal, a columna poz-se na defensiva, preparou as armas. Fui ao encontro do animal que não fugiu nem se lançou sobre mim. Immediatamente reconheci que era o camello do correio de S. Luiz, que tranquillamente descançava de tres dias de jornada.

Quando se percorre o interior, ao amanhecer longas filas de negros com cabayas brancas ou azues apparecem subitamente nos carreiros trilhados; vão, antes que rompa o sol, das suas aldeias para outras tratar dos



PRAÇA DO MERCADO NA GORÊA — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

seus negocios ou para os seus trabalhos agricolas. O seu marchar é pesado e silencioso; cada um vae armado d'uma zagaia de ponta ácerada ou d'uma especie de sacho com a fórma d'uma cauda d'andorinha com que cavam o solo. Quando nasce o sol viram-se para elle, ajoelham-se e fazem as suas genuflexões, prostrando a frente em terra. Os Africanos são muito religiosos.

Ao levantar do sol começa-se a caçar, mas deve terminar-se ás dez horas, por que, no caso contrario, os raios do sol assassinariam o imprudente europeu que os affrontasse.

Nas caçadas africanas mil vozes diversas de todos os lados assaltam o caçador: ouvem-se os ultimos rugidos do leão; o mugir dos rebanhos faz fantasiar que o homem domou o deserto; as perdizes correm abaixando as azas; as codornizes cantam; os cucos fazem um barulho insupportavel; as pintadas lançam gritos estridentes; os grandes ca-

lãos, chamados *dobinae* pelos Yoloffs, fogem a bom correr. Esta ave é do tamanho d'um gallo da India, com umas campainhas d'um vermelho vivo e trazendo sobre o bico, muito proeminente, uma protoberancia que lhe cobre as narinas. Este aparelho emite uma sonoridade que faz com que o grito do caláo se pareça com o som d'um clarim. Pequenos faisões pardos e tucanos de compridos bicos cacarejam sobre as arvores, onde as perdizes africanas se empoleiram, quando perseguidas pelos cães. Mil especies d'aves de plumagem variada e brilhante se cruzam no ar. As viúvas de pennas brancas, o melharuco de cauda bifurcada, o tordo, o pardal de bico de coral, as pequenas bengalinhas de côres brilhantes veem todas as manhãs procurar nos terrenos semeados de milho miudo o sustento quotidiano; as rolas gemem enamoradas.

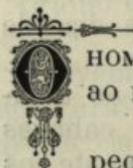
Algumas lebres retardatarias partem d'aqui

e d'ali, e não raro vem encher as bolsas de caça. O *sonimanga*, especie de colibri africano, volteia rapido em redor das flores que elle inspeciona com o seu bico recurvo afim

de encontrar os insectos que são a sua alimentação.

(Continúa).

O HOMEM ¹



HOMEM, como sêr organizado, pertence ao reino animal.

Teve um pae e uma mãe; começa pequeno, e cresce até certo limite; sente a fome, a sêde e as dôres; dorme e satisfaz-se; alimenta-se e fortalece-se; reproduz-se, decae, enfraquece e morre.

Como ser intelligente, fórma um reino á parte, o *reino hominal*, em que se confundem as classes, as ordens as familias e os generos, ficando só a especie.

O homem participa, portanto, dos animaes, mas não é só animal; bem como os animaes participam dos vegetaes, emquanto ao plano geral da vida, mas não são só vegetaes.

Este plano, que liga os vegetaes aos animaes, liga os animaes ao homem. Mas, se os animaes se separam dos vegetaes pela superioridade da sua organização, locomoção, sentimento e relações de amisade, ou inimisade, d'uns para com os outros, e pelos meios de communicacão etc., a sua historia é brevissima, podendo escrever-se, apenas, n'uma pagina de papel, ficando escripta para sempre. Mas o homem separa-se dos animaes, não só, pela sua fórma magestosa e organização admiravel, adequada a tudo e para tudo, mas pela linguagem da voz articulada, pelo seu pensar, pelos sentimentos de amisade e de amor, pelas paixões vehementes de que é susceptivel, pelo conhecimento do bem e do mal, do bello, do sublime, do arrependimento, da emenda, do desejo de saber, da indagação, da satisfacão dos conhecimentos, da imaginação, da invenção, do desenvolvimento e aperfeiçoamento, da esperanza da immortalidade e do desejo de outra vida, das crenças religiosas, da sociedade commum de todos, e da sua historia,

emfim, tão duradoira como elle, cujos volumes não tem limites; historia sempre nova, porque o homem é sempre novo, porque o homem é o progresso.

Se os animaes, pela sua superioridade, se distinguem dos vegetaes, servindo-se d'elles, pastando as hervas, roendo as raizes, furando as madeiras das arvores, comendo-lhes as folhas e os fructos trepando-lhes aos ramos; não lhes podendo estes esconder-se nem escapar-se-lhes das unhas e dentes; nem occultando no solo as raizes, aos roedores e insectos, nem, elevando as copas ás nuvens, aos trepadores e ás aves, nem, no fundo das aguas, aos cetaceos e peixes; quer no fundo dos vales, quer no alto dos montes; o homem muito mais se distingue dos animaes! Pois, sem a força e robustez do elephante, do camello, do hyppopotamo, e de grande numero d'elles, é mais forte do que todos juntos, porque soube servir-se da alavanca, e pôde descobrir e applicar as leis da mechanica.

Se não tem a ligeireza e a rapidez do veado, nem pode alcançar o cavallo na carreira, serve-se d'este montando n'elle, para alcançar os outros; e excede-os a todos com a descoberta do vapor.

Se não tem a vista do lynce, ou da aguia para descobrir a preza a grande distancia, podendo aquella encarar o sol, pela admiravel construcção das suas pupillas, pode elle vêr os montes na lua, o anel de Saturno, as faxas de Jupiter, e as manchas no sol, pela invenção dos telescopios e dos vidros córados, sem offender a retina; vêr os globulos do sangue, a sua circulação nos animaes, a da seiva nas plantas, e os parasitas dos pequenos insectos por meio do microscopio; e pôde até vêr os metaes nos astros e volatilizados, invisiveis e dispersos no ar; por que soube fabricar o vidro e construir um prisma.

Se não tem a força muscular e as garras do leão e do tigre, a todos sujeita e abate

¹ Extrahido da parte politica do *Compendio de Geographia*, que brevemente sahirá á luz, devido ao sabio professor o snr. Augusto Luso.

pela invenção das armas; se lhe falta as azas para mover-se no ar, e carece de barbatanas para poder atravessar as aguas, póde cruzar os mares e entrar nos rios pela navegação, e elevar-se ás nuvens pelos areostatos.

Não lhe escapa na carreira o veado, não se lhe esconde na selva o tigre, não se lhe occulta na terra o coelho.

Vê elevar-se a aguia, que se julga segura, distanciando-se d'elle, e, sem levantar-se um palmo do solo, pela invenção da polvora a vê cahir a seus pés.

Nem no fundo das aguas seguros são os peixes, por que as rédes são obra do homem.

Os lobos foram expulsos da Inglaterra

que habitavam, e não poderam voltar; o homem tem povoado os lugares deshabitados, formando nações que se governam independentes, e ligadas pelas relações de amizade scientificas, litterarias e commerciaes. Unidas estas, pela invenção da escripta podem comunicar e levar as suas ideias a todas as partes do mundo.

Pelo telegrapho envia o homem os seus pensamentos, que voam a distancia de centenaes de leguas, e, finalmente, separado por estas distancias, póde hoje conversar com os outros, como se fôra no seu gabinete, por meio do telephonio.

AUGUSTO LUSO.

A QUESTÃO DO TRANSVAAL

(Continuado do numero antecedente)

CONSIDERANDO como este Governo comprehende que não está em condições de manter pela espada contra uma potencia superior como é a Grã-Bretanha, os direitos e a independencia do povo, e de mais não tem desejo por modo algum, de dar um passo que faça dividir os habitantes brancos da Africa Austral, na presença do inimigo common, uns contra outros, ou que possa levar-os a um contacto hostil com grave perigo de toda a população christã da Africa Austral, sem que primeiro tenha empregado todos os meios de, por modos pacificos e por uma mediação amigavel, assegurar os direitos do povo:

O Governo protesta muito energicamente, contra este acto do commissario especial de Sua Magestade;

Resolve outro sim mandar sem demora á Europa e á America uma commissão de dois delegados, com plenos poderes de addicionarem uma terceira pessoa, se o julgarem conveniente, a fim de fazer a diligencia de apresentar perante o Governo de Sua Magestade os desejos e a vontade do povo, e, no caso de não surtir isto o desejado effeito, o que este Governo profundamente lamentaria, não o podendo ainda suppôr, appellar então para o auxilio amigavel e para a intervenção d'outras potencias, nomeadamente d'aquellas que reconheceram a independencia d'este Estado.

Para membros d'esta commissão são nomeados o honrado procurador geral dr. E. J. P. Jorissen, e S. J. P. Kruger, Vice-Presidente da Republica Austral.

IV

ESFORÇOS PACIFICOS DO TRANSVAAL PARA REHAVER A SUA INDEPENDENCIA, 1878

Carta dos delegados do Transvaal a Sir M. Hicks-Beach, Secretario d'Estado das colonias, datada de 10 de julho de 1878.

Hotel Albemarle, Londres 10 de julho de 1878.

SENHOR.—A deputação que foi commissionada pelo Governo e pelo povo da Republica da Africa Austral, para apresentar ao Governo de Sua Magestade a Rainha da Inglaterra o seu protesto contra a annexação do territorio do Transvaal, não tendo podido obter o fim para que havia sido enviada, communicou aos habitantes o resultado das sua diligencias.

Profundamente molestados e desapontados, por não terem podido alcançar a restituição dos seus direitos, resolveram os cidadãos da Republica appellar novamente para a justiça da Inglaterra, e deputaram os abaixo assignados S. J. P. Kruger e P. J. Joubert para novamente submetterem, como seu,

aquelle protesto, e o seu memorial sobre o assumpto.

Apresentando os desejos dos seus constituintes, é dever da deputação fazer notar com attenção ao Governo de Sua Magestade, certos factos relativos ás instrucções dadas ao commissario especial de Sua Magestade, Sir Theophilo Shepstone, commendador de S. Miguel e S. Jorge, no decreto da Rainha, datado em Balmoral a 5 de outubro de 1876, e tambem com relação ás circumstancias atinentes ao cumprimento d'essas instrucções por parte d'elle, como ás que serviram de base á approvação de Sua Magestade ao seu procedimento.

A meditada contemplação d'estas circumstancias, ha-de, crê-o a Deputação, justificar a perante o Governo de Sua Magestade, perante as communidades da Africa do Sul, e perante o mundo todo pela attitude que ella hoje toma, e conquistará para ella e para a sua patria, a restauração que procura.

No decreto que nomeia Sir Theophilo Shepstone, e que lhe dá poderes, sob certas condições, para ir até á ultima extremidade da annexação, impõe-se-lhe como condição necessaria o seguinte:

«Contando porém, em primeiro logar, que «tal proclamação não será promulgada por «vós a respeito de nenhum districto, territorio ou Estado, senão quando vós estiverdes «convencido que os seus habitantes ou um «sufficiente numero d'elles, ou o parlamento «d'esse paiz, desejam ser nossos subditos».

Não é desejo nosso n'este logar apreciar a questão das rasões adduzidas ou dos meios adoptados por Sir Theophilo Shepstone para convencer o Governo de Sua Magestade que de alguma forma tinha sido cumprida esta condição.

Era na firme convicção de que assim tinha sido cumprida, que o vosso predecessor, o Conde de Carnarvon, se recusou a discutir com a ultima deputação a legalidade e conveniencia da annexação em si, e a esta distancia tornava-se impossivel á deputação, apesar de disputar sobre o facto, refutar uma affirmativa feita com tanta segurança.

Desde esse tempo entretanto, tomaram-se providencias para conhecer fóra de toda a duvida quaes são os sentimentos da grande maioria dos eleitores, o que será mostrado

pelos seguintes documentos, cujas copias temos a honra de incluir n'esta:

a Resolução do honrado Volksrad da Republica, datada de 22 de fevereiro de 1877 appellando para o executivo para manter a independencia da patria.

b Resolução do Conselho executivo de 11 de abril de '77 protestando contra a ameaçada annexação e nomeando uma deputação para apresentar o protesto perante Sua Magestade.

c Protesto do Presidente da Republica de 11 de abril de '77.

d Memorial corroborando o protesto, assignado por 6:591 entre talvez 8:000 eleitores, e datado de 7 de janeiro de 1878.

Como a satisfação da condição preparatoria acima citada pôde ser encarada como posta pelo governo de Sua Magestade por condição essencial para se justificar a annexação, e como os documentos acima apontados provam além de toda a duvida, que longe de haverem sido satisfeitas estas condições, o parlamento, o Governo executivo, e approximadamente 7 oitavos da população se oppunham, como agora provam, á annexação, desnecessario se tornará qualquer outro argumento, para dar força a uma causa tão claramente demonstrada.

Mas Sir Theophilo Shepstone não quiz ficar-se n'este campo, e julgou conveniente apresentar muitas outras rasões em defeza do seu procedimento, as quaes passamos a examinar.

Além da questão dos desejos dos habitantes, os principaes pontos em que o commissario tentou justificar-se, e que se podem encontrar no preambulo da proclamação da annexação, são os seguintes:

«Que a garantia de independencia dada «pelo Governo Britannico aos fazendeiros «emigrantes, foi dada debaixo de uma certa «esperança e persuasão, que d'então para cá «se não realisaram.

«Que havia uma geral decadencia de poder e um enfraquecimento de auctoridade «no proprio Estado, e um, mais que proporcional, desenvolvimento da força real e da «confiança entre as tribus indigenas, produzindo fortes tentações entre os proximos «tentados cafres, de fazerem ataques e correrias no Estado, o qual as não poderia «chazar attenta a sua pouca força, e de que

«havia até aqui sido salvo pela influencia repressiva do Governo Britannico, exercida de «Natal pelo representante de Sua Magestade «n'aquella colonia.

«Que o mau exito da campanha contra o «Secocoeni tinha manifestado pela primeira «vez aos poderosos regulos indigenas de fóra «da Republica, desde o Zambeza até o Cabo, «as grandes mudanças que se tinham realisado nas forças relativas das raças branca e «preta, e que esta revelação para logo abalou «o prestigio do branco na Africa do Sul, e «collocou em perigo todas as communidades «européas».

Assim vemos que as rasões que levaram Sua Magestade a approvar a annexação tinham por base o seguinte:

1.º A crença que uma grande proporção dos habitantes do Transvaal, ardentemente desejava o estabelecimento do regimen de Sua Magestade.

2.º A decepção da esperanza sobre que se tinha dado a garantia da independencia, isto é: «Que a republica da Africa Austral, se tornaria um estado autonomo e florescente, origem de força e de segurança para as visinhas communidades européas, e um foco d'onde rapidamente se propagaria para a Africa Central o christianismo e a civilisação».

3.º A geral pobreza e carencia de meios de defeza em todo o paiz, as invasões dos pretos, o mau exito da guerra com o Secocoeni, e o perigo imminente para as colonias britannicas.

A estes pontos reduz a Deputação, a sua resposta.

1.º Relativamente ao primeiro ponto temos que declarar que, como a inclusa correspondencia 6, 7, 8, 9 o prova, o commissario de Sua Magestade estava na posse da resolução do Volksraad para a manutenção da independencia da Republica, como tambem do protesto do Executivo, antes de dar ao publico a proclamação da annexação.

Que as petições em favor da annexação, que na totalidade representavam uma pequena parte da população do paiz, foram pela maior parte obtidas depois da annexação, e que as assignaturas que n'ellas avultam são as das classes descriptas no discurso de Sir Theophilo Shepstone aos cidadãos, como sendo os mil que vivem nas cidades e aldeias, e os 350 que constituem a população fluctuante

dos mineiros do oiro, e não pertencem a nenhum dos 6:650 lavradores a quem incumbe a sustentação do Estado pelo producto das suas herdades, e a quem igualmente incumbe o dever militar de defender a patria, ou de batalhar pelos seus direitos.

2.º Sir Theophilo Shepstone asseverando que a garantia da independencia se fundava n'uma certa «esperança e persuasão» refere-se para a explicação d'isso ao seu discurso ao povo, onde nós achamos que elle ingenuamente confessa que tal condição se conclue do sentido da convenção, e mais das suas entrelinhas do que do texto expresso d'ella.

Nós pela nossa parte, e por parte do povo do Transvaal, comquanto admittamos que uma tal «esperança e persuasão» seriam razoaveis, não podemos por fórma alguma admittir que isso fosse uma condição para a nossa independencia, nem que a sua falta de realisação seja motivo sufficiente para a cessação da mesma.

Mas mesmo que assim fosse, dizemos mais que esse argumento não é d'aquelles de que o Governo Britannico em boa justiça possa servir-se.

As razões que levaram o Governo Britannico a reconhecer a independencia do Transvaal, e abandonar a sua soberania sobre o Estado d'Orange, mais facilmente se encontrarão correndo a correspondencia sobre tal assumpto trocada entre o Governo de Sua Magestade e os commissarios empregados em pôr em execução a politica da Metropole.

Mas se a esperanza de que a Republica viesse a ser uma origem de força e de segurança para as colonias Britannicas visinhas, não foi realisada até ao ponto desejado por Sua Magestade, então diremos, e estamos promptos a mostral-o, que se tal deixou de succeder deve-se principalmente, se não no todo, aos actos dos Governos d'essas colonias Britannicas visinhas.

Sobre este ponto teremos que dizer mais alguma cousa.

3.º Relativamente ao terceiro ponto, isto é: á falta de defeza do paiz, ás usurpações feitas pelos cafres, e ao mau exito da guerra com o Secocoeni, estamos promptos a admittil-o em parte, assim como tambem á falta de ordem nas nossas finanças; com quanto repillamos energicamente a exaggeração

com que esses pontos foram mencionados, e as conclusões de completa desorganização e perigo que d'elles se quiz tirar.

Negamos a illação que se quer tirar, de nós não termos logo no começo da campanha, conseguido desalojar das suas fortalezas naturaes um regulo como o Secocoeni. Elle fôra reduzido aos maiores apuros, e mandára a Pretoria pedir pazes, as quaes, attentas as circumstancias apertadas em que estava o Governo da Republica, pela attitude que as auctoridades Britannicas tomaram, animando a causa do rebelde, lhe foram afinal concedidas, mediante o pagamento de uma multa, que hoje está sendo exigida pelo Governador.

É completamente falso dizer-se que se receiava o minimo perigo da parte do Secocoeni, porque é sabido que elle nunca passou além das suas fortificações.

O mesmo se póde dizer a respeito dos Zulus. Sir Theophilo Shepstone declarou que por causa d'isso (isto é, por não termos conseguido desalojar o Secocoeni) é que pela primeira vez foi revelada aos potentados indigenas, desde o Zambeze até o Cabo, a grande mudança que se tinha operado na posição relativa das raças branca e preta, e por isso havia receio imminente da invasão (proavelmente dos Zulus), e que todas as communitades da Africa do Sul estavam em perigo.

Queixamo-nos de que isto é uma conclusão exagerada e injustificada! Esse perigo, como o commissario o descreve, nunca foi sentido pelo Governo da Republica, nem por aquelles que luctaram com perigos semelhantes, ás mãos com os mesmos cafres, mas quando estes eram ainda mais unidos sob o reinado do Dingaan.

Pedimos que se note que a opinião de Sir T. Shepstone aqui citada é simplesmente uma opinião individual, e que elle parece ter esquecido os serios revezes experimentados pelos brancos nas antigas guerras do Cabo, e especialmente aquelle de Sir George Cathcart na guerra dos Basutos. E queremos mais observar, o que é de todos sabido, que o exercito dos Zulus nunca se approximou da fronteira do Transvaal senão depois do Commissario a ter atravessado, e que portanto, se existiu perigo, proveio unicamente d'esse acontecimento.

Afim de estabelecermos melhor a posição que assumimos, e de rejeitarmos os direitos que, segundo se disse, foram a consequencia legitima das declarações contidas no preambulo da proclamação da annexação, torna-se necessario que apresentemos um quadro das condições politicas do Transvaal, tomado do ponto de vista do Governo da Republica, para o contrapormos áquelle desenhado pelo commissario de Sua Magestade.

A fórma nacional do Transvaal começou em 1852; antes d'essa data os lavradores emigrantes estavam disseminados em pequenos grupos, ou em herdades isoladas pela grande extensão do paiz entre os rios Vaal e Limpopo.

Não havia um governo nem mesmo nenhuma união entre elles, excepto a que dictava a communhão dos interesses no protegerem-se dos ataques dos indigenas, por quem eram arrastados á guerra de tempos a tempos.

Foi durante um pequeno intervallo de paz, ou para melhor dizer durante uma suspensão de hostilidades, que a independencia da Republica foi reconhecida pela Inglaterra, e que a convenção do rio Sand de 1852 foi assignada, «garantindo da mais ampla maneira «por parte do Governo Britannico aos fazendeiros emigrantes o direito de tratarem elles «dos seus negocios, e de se governarem conforme leis suas, sem intervenção alguma «por parte do Governo Britannico», prometendo-se-lhes mais que «o dito Governo não «faria usurpações no territorio de além e do «norte do rio Vaal,» e ao mesmo tempo «repuudiando-se por parte do Governo de Sua «Magestade quaesquer alianças com quaesquer dos potentados indigenas do norte do «rio Vaal.»

Os lavradores emigrantes continuaram por muitos annos no mesmo estado de desorganização em que estavam antes da convenção, e foi só em 1858 que as suas dissensões, que tinham quasi occasionado uma guerra civil, tiveram fim, e que elles se tornaram unidos sob uma constituição e um Governo central.

D'então para cá tem-se accentuado um evidente progresso.

Os lavradores assentaram nas suas terras a cultival-as, fizeram-se leis que se iam administrando com crescente ordem, e em to-

das as cidades se levantaram igrejas e escolas.

A Republica com a sua parca população branca, e a formidavel população indigena, viveu em paz durante annos, não tendo tido desde então até á ultima expedição contra o Secocoeni nenhuma guerra importante, a não ser a da Zoutpansberg em 1866.

Desde o anno de 1858 a 1869 a Republica cumpriu as obrigações a que agora se allude. Estava sendo «um Estado florescente e «autonomo, uma origem de segurança para as «communities Europeas visinhas, e um foco «d'onde o christianismo e a civilização se iam «rapidamente expandindo para os lados da «Africa Central.»

Formava uma barreira entre o Natal e as tribus indigenas do interior, e era por isso uma origem de força e segurança para aquella colonia. Havia egualmente um rapido desenvolvimento de civilização entre os indigenas, que, como é sabido, adoptaram os habitos europeus, e acceitaram o ensino christão, em maior numero e em maior extensão do que tem acontecido em qualquer outro ponto da Africa do sul.

A julgar pelo theor e pelo tom dos despachos trocados entre os Secretarios de Estado e os governadores das colonias, não se póde duvidar, comquanto d'isso se não faça menção na proclamação da annexação, que as accusações de oppressão contra os indigenas influiram de certa maneira para determinarem a politica que o Governo de Sua Magestade adoptou quando estendeu a sua acção sobre o paiz.

Estas accusações, apresentadas com a mais injustificavel exaggeração, foram uma grave injustiça feita ao Governo e ao povo da Republica, e nunca talvez houvessem sido feitas ou acreditadas, se o Governo Britannico se achasse no Transvaal devidamente representado por um agente consular ou diplomatico.

Sem querermos fazer recriminações, não podemos comtudo deixar de sentir, que se não deu, para justificar a necessidade de qualquer outra guerra ou mesmo a de medidas energicas no Transvaal, a mesma desculpa de que se usou em Natal nos casos de Isidoi, do Matyana, e do Langabalele; e no Cabo

nas seríssimas guerras que de tempos a tempos ali tem havido.

Affirmámos que: a Republica continuou a florescer e a progredir até 1869.

N'esse mesmo anno o prestigio dos lavradores emigrantes recebeu um abalo de que não pode rapidamente convalescer, e que foi motivado pelo acto de terem as auctoridades coloniaes do Cabo esposado a causa dos indigenas nos Campos dos Diamantes, e de abrirem um mercado de armas de fogo e munições para os indigenas em contravenção da convenção do rio Sand.

Apesar de não querermos adoptar esta opinião, senão de uma maneira auctorizada, é bem sabido que o snr. Froude classificou a annexação dos Campos dos Diamantes como sendo «talvez o incidente mais indecoroso da historia Britannica colonial». Pelo menos o resultado d'esse acto foi tornar tanto o Governo como os cidadãos da Republica despreziveis aos olhos dos indigenas, cujo poder ficou por outro lado immensamente augmentado pela posse de armas de que, segundo estatisticas officiaes se não importaram menos de 236.576 pelo Cabo e por Natal, de 1871 a 1875, mediante um direito de 10 shillings n'um caso, e 20 n'outro por cada cano.

Se se quizer investigar a causa da pobreza e enfraquecimento da Republica, não é justo attribuil-a a defeitos inveterados, quando esta explicação se apresenta mais plausivel. Se os indigenas se não houvessem armado com espingardas, ou se os direitos sobre ellas cobrados tivessem entrado nos cofres do Transvaal, ter-se-hiam provavelmente evitado estes males.

Para robustecer a politica que, segundo parece, Sir Theophilo Shepstone tinha tencionado seguir, achamos que, em um despacho d'elle dirigido a Lord Carnarvon, a 12 de março de 1877, elle declara que todas as tribus indigenas do Transvaal saudariam como uma verdadeira benção, a introducção da auctoridade Britannica, e que o governo inglez tinha uma influencia suprema sobre as mais aguerridas tribus indigenas de fóra da fronteira do Estado.

(Continúa).

PELO MUNDO

EUROPA



proposito da exploração portugueza em Africa a importante revista scientifica de Mr. Louis Figuier *L'année scientifique* (1880) diz o seguinte dos nossos distinctos compatriotas Brito Capello e Ivens:

«Os srs. Capello e Ivens, officiaes da marinha portugueza, fizeram uma viagem de exploração de cerca de 4.000 kilometros no interior d'Africa. Consagraram tres annos a estes estudos e apresentaram em 1880 cartas muito importantes, observações meteorologicas e astronomicas numerosas e estudos relativos a certos effeitos magneticos nas zonas não exploradas ainda.

«Os viajantes não se limitaram puramente aos estudos scientificos, tomaram, com o maior escrupulo, muitas informações acerca do commercio e exploração pratica e economica, a que a Europa pretende entregar-se no vasto continente, que cada vez mais occupa a attenção publica.

«Não se illudem sobre as difficuldades que apresenta o estabelecimento de vias rapidas que facultem ás nações civilisadas o ingresso no interior da Africa, particularmente, por causa das regiões montanhosas, que alli se encontram, mas estão convencidos que os trabalhos serão bem compensados, porque, desde que se passa o littoral se encontra, além de matas de uma riqueza, excepcional, uma quantidade de productos, que, hoje mesmo, satisfazem ás exigencias crescentes da população na Europa e na America, como arroz, café, tabaco, cera, gomas e grande quantidade de plantas oleaginosas.

«Existem tambem grandes jazigos de cobre e ferro susceptiveis de uma exploração proveitosa. Na maior parte das tribus muito numerosas muito variadas, com as quaes tiveram relações, os srs. Capello e Ivens encontraram a maior reserva e desconfiança, muito naturaes, mas poucas vezes uma hostilidade aberta que possa fazer receiar conflictos graves no futuro.

«Em resumo, os srs. Capello e Ivens fizeram observações importantes e sérias que devem ajudar a solução do grande problema da occupação e exploração da Africa central pelas nações civilisadas.»

— Está já installada, por nomeação da sociedade de geographia, a commissão executiva da expedição de reconhecimento e exploração scientifica das regiões dos Cantaros, da Serra da Estrella, e do estudo de um posto metereologico a fundar alli. E' presidida pelo sr. conde de Ficalho, e fazem parte d'ella os srs. J. Capello, dr. Feijão, engenheiro Marrecas Ferreira, Pequito, Queriol, Eduardo Coelho, etc.

Para as secções profissionais e de serviço estão já nomeados os srs. conde de Ficalho, Julio Henriques, dr. Paulino e dr. F. Simões (Coimbra), Augusto Luso e Joaquim de Vasconcellos (Porto), dr. Sousa Martins, dr. Amado, Martins Sarmento (Guimarães), Batalha Reis, A. Coelho e Schiappa, e varios outros professores e especialistas. O governo, deferindo intelligentemente ás solicitações da sociedade, mandou proceder aos indispensaveis estudos e levantamentos geodesicos, devendo proximo o distincto engenheiro director ter uma conferencia com a commissão e mandar encetar os trabalhos preliminares nos valles do Mondego, do Zezere e do Alva, trabalhos que por si sómente com o bom pessoal que pôde fazel-os são de consideravel utilidade agricola, etc.

Além dos membros profissionais, a expedição abrangerá membros adherentes e porcionistas. A junta geral da Guarda votou já 300.000 réis para as despesas, notavel e singular exemplo de um corpo administrativo local. As camaras de Manteiga e de Ceia, bem como o governo, parece que subsidiarão tambem a expedição, que deverá reunir-se na Guarda na segunda quinzena de agosto. A secção metereologica conservar-se-ha no alto da serra talvez uns 35 dias. As outras secções farão as suas observações de campo em 8 a 10 dias.

— O sr. ministro da marinha e ultramar recebeu no dia 30 d'abril ultimo um telegramma do consul de Portugal em Londres o sr. visconde de Duprat, em que communica ao governo que a companhia do caminho de ferro de Mormugão abriu no dia 29 ao publico a subscripção, que teve um grande exito, porque foi coberta tres vezes.

ASIA

A venda das ilhas de S. Thomaz e S. João ao governo dos Estados Unidos está outra vez na ordem do dia. Parece que a Dinamarca está ancioso por se desfazer d'estas colonias, onde de ha alguns annos a esta parte tem havido algumas rebeliões. Ha alguns mezes que a Dinamarca enviou o sr. Bille como seu representante para a Casa Branca no intuito de reabrir as negociações. Todavia em agosto ultimo um telegramma da Havana annunciava que a França tratava de comprar as referidas ilhas. Este boato não foi acreditado, e o presidente Hayes declarou que o intento de vender aquellas possessões da Dinamarca a qualquer nação europeia seria considerado como um acto de hostilidade.

— O tremor de terra que produziu grandes destroços na ilha de Chio fez-se igualmente sentir no continente onde muitas localidades da Asia Menor situadas em frente de Chio soffreram não menos cruelmente.

A cidade de Tehesné e as aldeias circumvisinhas foram inteiramente destruidas. Ha mais de 150 victimas e mais de 40.000 pessoas ficaram sem pão e sem abrigo.

AFRICA

Na provincia da Guiné teem-se ultimamente dado de aforamento algumas porções importantes de terrenos baldios, para serem aproveitados em explorações agricolas. Pelo menos, quatro lotes, de 400 hectares cada um, são aquelles de cuja concessão nos trouxe noticia o ultimo correio d'alli recebido.

E' um bom indicio. Dentro da lei ha diferentes recursos para que de taes concessões tire a provincia a dupla vantagem do fóro, a menor, e da multiplicação da produção agricola, a maior, e a mais necessaria para a prosperidade da colonia.

No dia 22 de janeiro d'este anno foi ampliado e ratificado o tratado de 16 de junho de 1856, pelo qual o rei dos *biafares* tinha prestado juramento de preito e homenagem ao governo portuguez. São 26 *tabancas* que ficam agora sujeitas ás leis de Portugal.

Em todo o anno de 1880 foram exportados da ilha de S. Thomé 304.219 kilogrammas de cacau, no valor de 57.513.629 réis, pelo que a alfandega respectiva cobrou 3.799.035 réis de direitos.

Na produção de cacau e de excellente café pôde-se dizer que está o futuro da provincia de S. Thomé e Principe.

No segundo semestre de 1880 a alfandega da ilha do Principe importou mercaderias no valor de 35.418.556 réis, cobrando de direitos 5.401.508, e exportou, valores, 36.704.572 réis, recebendo 2.289.528 réis de direitos. E' um movimento commercial de 70 contos em 6 mezes produzindo 10% de receita aduaneira. A população do Principe é inferior a 4.000 individuos.

— São boas as noticias acerca da nova colonia dos boers na Humpata, districto de Mossamedes. Os colonos continuavam nas melhores disposições, e preparavam-se para começar em larga escala os seus trabalhos agricolas. A nova povoação tem ao centro uma praça, que se chama de S. Januario. Do lado N. da praça fica a casa do governador e a igreja, do lado S. o mercado e a igreja hollandeza. As diferentes ruas chamam-se: de Eleuterio Dantas, Bella Vista, Francisco Costa, Bittencourt, S. Sebastião, do Mercado, de Frederico Botha, de Pelters Botha e do Acampamento. A E. corre o rio Neve, a SE. o rio Preeque. A NE. deve ser construida a fortaleza. Ao N. vem dar o canal. construido já pelos boers, e que traz a agua para a povoação.

— Além da população musulmana o Egypto conta 20 mil Gregos, 46 mil Francezes, 14 mil e quinhentos Italianos, 3 mil Maltezes, 2 mil oitocentos Hungaros-Dalmatas, mil Hespanhoes, mil Algerianos, oitocentos Allemães, setecentos Inglezes.

As outras nacionalidades apresentam numeros insignificantes.



MULHER D'AVINTES — Desenho de Columbano Bordallo Pinheiro, segundo uma photographia d'Emilio Biel & C.^a e gravura de Hildibrand

COSTUMES PORTUGUEZES

MULHER DE AVINTES

A BELLEZA é o principal característico das mulheres das povoações dos arredores do Porto; a riqueza dos seus enfeites, quasi todos de ouro massiço, e com que se carregam nas suas festas locais, é uma consequencia da sua constante actividade no trabalho, e do instincto da economia, que é a base da moral popular, e onde o sentimento esthetico se confunde rudimentarmente com um pensamento de utilidade. Os nossos costumes nacionaes não têm sido estudados; a vida domestica portugueza, tão pit-

toresca nos seus usos, nas tradições, nos contos, nas cantigas, nas superstições, nas lendas, nos jogos infantis, nas adivinhas, nas musicas e dansas, começa agora a ser explorada com interesse scientifico; a arte tinha immenso que fazer reproduzindo os typos mais accentuados da nossa raça, em cujas differenças apparecem ainda os vestigios das recorrencias ethnicas dos elementos anthropologicos que nos constituiram; os trajos do povo nas suas duas fórmas de cotio e de ar-raial, prestavam-se a magnificos arrosos de colorido; emfim os ornatos tradicionaes ain-

da hoje na sua fôrma primitiva encerram os documentos de outras civilizações e os symbolos de crenças decahidas.

O illustre pintor Francisco José de Rezende tem enobrecido o seu pincel com alguns quadros representando os typos e costumes dos arredores do Porto, sobretudo da Maia e Mortosa; o grande Roquemont deixou um quadro dos costumes mais peculiares do Minho, a que se chama *o foliar*; o desenho que apresentamos devido ao lapis nervoso de Columbano Pinheiro, embora lhe falte a vivacidade da côr, conserva o lado mais impressionavel dos typos femininos das povoações das cercanias do Porto, a belleza surprehendente. Ha muito que fazer n'este campo, em que a anthropologia, a ethnologia, a arte e a litteratura se dão mutuamente as mãos; n'este intuito o eminente calligrapho Manoel Nunes Godinho tem desenhado á penna e feito reproduzir por chromo-lithographia em Italia uma vasta serie de typos dos arredores do Porto, que hão-de acompanhar o texto de um livro intitulado *Porto e Minho — costumes nacionaes*, cuja assignatura se acha aberta ao publico. No prospecto d'este livro diz o seu collecto: «Para que este trabalho seja o mais exacto possivel, percorremos todas as povoações da provincia, estudámos minuciosamente esses trajos, e escolhemos d'entre elles os que vimos com mais originalidade, mais geito e mais nacionalidade, pondo de parte os que se encontram já alterados do trajo puritano de cada povoação.» E' uma obra assim de que tanto carecemos, onde fique consignada a historia da nossa vida portugueza, que está em uma phase de transformação profunda, pela grande communicacão da existencia moderna que tudo amalga-ma e identifica.

O desenho de Columbano, *A mulher de Avintes*, impressiona pela extraordinaria belleza; e comtudo não é uma physionomia escolhida de proposito, mas uma cara vulgar, commum entre o povo. Não se póde explicar esta selecção a não se recorrer a causas ethnicas; uma vaga instrucção diz-nos que aquellas linhas femininas são gregas, que ha na perfeição do nariz uma analogia com a correcção esculptural, que a desenvoltura do olhar e a graça da cabeça lembram a hetaira. Effectivamente pela ethnologia attingimos os dados explicativos; segundo os geographos

antigos desde o Douro até ao Cabo de Finis-terra, o territorio era totalmente habitado por colonias gregas; dil-o Silio Italico, e tambem Plinio «*graecorum soboles omnium.*» Strabão na descripção da Hespanha escreve: «Nos que vivem junto do Douro observam-se muitos rasgos da vida e costumes dos Spartanos, ou laconios.» E um pouco adiante accrescenta: «Os lusitanos ou gallaicos... fazem seus casamentos ao estylo dos gregos.» Aqui está explicada a causa da belleza esculptural das mulheres de muitas povoações das costas do Norte, conservando-se entre ellas muitos costumes privativamente gregos, como os *Jardins de Adonis* (o trigo grelado dos presepios), certas ceremonias do casamento e um extraordinario talento architectonico, como com tanta auctoridade o notaram Raczynski e Roquemont.

Na *Descripção do Porto*, por Agostinho Rebello da Costa, falla-se dos ornatos das mulheres das povoações ruraes accentuando um caracteristico ainda persistente: «Não temo dizer, que o ouro que serve de ornato ás mulheres do campo, excede o valor de trinta milhões de cruzados. Ha muitas freguezias, que em *cordões, cadeados, contus, laços, brincos* e outras peças de ouro maciço, tem cada uma duas ou tres arrobas d'este metal.— Nas comarcas da Maia, e Penafiel ha mais de cincoenta freguesias notaveis n'esta riqueza; eu mesmo vi nas freguesias d'Agua Santa e S. Cosme, suburbanas d'esta cidade, dous andores em diferentes dias festivos, ornados segundo o gosto da aldeia, com tantas peças de ouro que pezavam as de cada um, duas arrobas e oito arrateis. Asseguraram-me pessoas dignas de credito que ainda alli não estava todo o ouro d'aquellas freguesias, e que em muitas das circumvisinhas havia a mesma riqueza. E' indubitavel que até as proprias meninas que apascentam gados pelos montes trazem diariamente ao pescoço cordões ou contus d'elle, e assim rarissimo será tambem a lavradeira que não possua uma ou muitas peças semelhantes.» (Op. cit., § xi). E' devido a este costume popular que se conserva na ourivesaria portugueza do Norte um certo estylo ornamental de tradição arabe; os cordões de ouro, com que dão muitas voltas ao pescoço, pela sua grossura affectam a fôrma de fitas, e os corações, as medalhas, as nominas

são feitos com os mais exquisitos e caprichosos rendilhados de filagrana. E' tambem um phenomeno de persistencia ethnica importantissimo; D. José Amador de los Rios, que em 1872 visitou o Porto, ficou impressionado ao vêr a vitalidade d'esta fórma da arte arabe já totalmente esquecida em Hespanha. E' tambem nas provincias do Norte, que não soffreram a invasão e dominio arabe, que esta tradição artistica se conserva, ao passo que se extinguiu de todo nas provincias do Sul, onde o typo e os costumes arabes persistem. Ha uma apparente antinomia; a arte grega tem raizes semiticas, e é este fundo primordial que facilita a assimilação do gosto arabe tanto na architectura como na ourivesaria peninsular.

Mas já que fallamos na riqueza dos enfeites das mulheres do norte de Portugal, expliquemos o porque da sumptuosidade do seu gosto; esse ouro é o fructo de um violentissimo trabalho, e as joias são um deposito economico, um dote, e o recurso para uma aquisição de propriedade. Diz Agostinho Rebello, com traços ainda hoje actuaes: «A lavoura é o ordinario exercicio dos camponeses e lavradores. Desde o crepusculo da manhã até ao principio da noite, elles não largam das mãos o arado, ou o alvião, ou o machado, ou a enxada. Duas cousas se fazem notaveis e singulares n'esta gente do campo: a primeira, que *as mulheres cavam, áram e fazem todo o trabalho da lavoura como os homens*; a segunda, que sendo o seu ordinario sustento uma comida rustica e fru-

gal, aturam as maiores fadigas sem que succumbam ao trabalho ou estraguem a saude, porque esta é a gente que vive oitenta, noventa e mais annos.» (Op. cit. § ix). Confirma isto a aproximação que faz Strabão dos costumes dos spartanos. Pela relação dos gregos com os romanos, a quem cederam as suas colonias para resistirem aos phenicios, é que se explica na região do norte de Portugal, regimen emphytheutico da propriedade, e portanto a sua divisão que impoz á cultura o systema intensivo ou hortense.

Na *Relation da Voyage d'Espagne*, M.^{me} d'Aulnoy descreve costumes do sul da França e norte de Hespanha, que levam a estabelecer uma unidade ethnica occidental; diz ella no seu encantador livro: «Nos petits bateaux étaient conduits par *des filles d'une habileté et d'une gentillesse charmantes*: ily en a trois á chacun, deux qui rament, et une qui tient le gouvernail.» (Op. cit., p. 14). Foi isto o que M.^{me} d'Aulnoy observou sobre o rio d'Andaye; é exactamente o que se vê todos os dias sobre o rio Douro, nos barcos guiados pelas mulheres de Avintes, igualmente habeis e por ventura de uma gentileza maior. Poderíamos levar mais longe estes traços comparativos, sobretudo no costume das têas de linho de fabricação domestica, na fórma dos carros de bois que cantam nas estradas, mas basta deixar ficar bem accentuada a importancia d'estes problemas para que se desperte entre nós o espirito das investigações.

THEOPHILO BRAGA.

GERMANOS ¹

PELO tempo em que as suas tribus noma-des vagueavam ainda pelas florestas, no tempo do imperio romano, os antigos habitantes da Germania pareciam-se muito com os seus visinhos, os Gaulezes. Eram homens de alta estatura, de fórmas vigorosas e de pelle branca. Unicamente ti-

nham os cabellos arruivados, emquanto que entre os Gaulezes o loiro era nos cabellos a côr predominante. A cabeça era grande, a fronte larga e a pupilla azul. Mas os descendentes modernos dos antigos habitantes da Germania soffreram muitas modificações no seu typo phisico, de fórma, que seria hoje muito difficil o encontrar na maior parte da Allemanha caracteres verdadeiramente geraes, isto é, traços communs no que respeita á estrutura da cabeça e á côr dos olhos ou dos cabellos.

Os Germanos modernos, isto é, os Alle-

¹ Das *Raças humanas*, de Luiz Figuer e versão portugueza de Abilio Lobo, que a Empreza Litteraria Luso-Brazileira está publicando, transcrevemos hoje 12 paginas da primeira caderneta, já distribuida pelos seus numerosos assignantes.

mães, occupam uma grande parte d'Allema-
nha actual e da Prussia oriental, assim como

uma larga facha da região á direita do Rhe-
no. Encontram-se tambem em diversas par-



TRAJES DA SUAVIA (STTUTGART)

tes da Hungria, da Polonia, da Russia e da
America septentrional. Tendo-se os Allemães

do Éste e do Sul misturado com os povos do
sul da Europa, não representam tambem ex-



TRAJES DA SUAVIA (STTUTGART)

clusivamente o typo teutonico; entre elles
encontram-se homens com cabellos escuros
e olhos pretos.

Nas estampas seguintes representamos
alguns typos e trajes dos habitantes d'Alle-

manha actual (Baden, Wurtemberg, Suavia
e Baviera). N'essas estampas tambem apre-
sentamos os trajes nacionaes da Alsacia-Lo-
rena.

De um livro publicado em 1850 com o ti-

tulo *Les Races humaines et leur part dans la civilisation*, devido á penna do doutor Clavel, transcrevemos um quadro interessante dos costumes d'Allemanha moderna.

«Confinando pela sua fronteira de sudoeste com o mundo latino, pela fronteira de sudeste com o mundo slavo, pela fronteira do norte com a Escandinavia, a Allemanha, diz o doutor Clavel, não tem limites bem definidos. Em toda a sua peripheria não ha identidade, nem nos costumes, nem na lingua,

nem em religião. As suas provincias limitrophes da Dinamarca são meio escandinavas; as que confinam com a Russia ou com a Turquia são meio slavas; as que se avizinham da Italia ou da França são meio latinas; formam no seu conjunto uma zona mixta e mais larga nas fronteiras d'Allemanha, do que nas fronteiras de todas as outras nacionalidades.

«E' unicamente no centro que se encontra, em toda a sua pureza, o typo louro da



TRAJES DO WURTEMBERG (ULM)

Germania, a organização feudal e os numerosos principados que são a sua consequencia. E' alli que tambem se encontram as condições climatericas, que tanta influencia tiveram n'esta raça d'olhos azues, com uma côr de carne brilhante d'alvura, de estatura elevada, de fórmãs cheias e vigorosas.

«... Aquelle que possui uma constituição forte e tenaz deve, aos seus meios d'acção, a energia da vontade. Os seus projectos não são formados levianamente, não são postos de parte sem graves motivos; muitas vezes são levados por deante atravez de mil obstáculos. É esta a razão da actividade paciente e continua da Allemanha, que obtem os melhores resultados nas suas industrias, apesar do fraccionamento da sua população e dos embaraços resultantes da sua constituição politica.

«Onde os homens são laboriosos, pacien-

tes e economicos, a familia organiza-se com solidez e tem uma influencia decisiva sobre os costumes nacionaes.

«O amor é, na Allemanha, nem muito positivo, nem muito romanesco: é devaneador. Procura o seu fim desde a adolescencia e encontra-o rapidamente, prestando-lhe a maxima fidelidade até á época do casamento.

«Tendo estes esponsaes prematuros sido admittidos pelos costumes, vêem-se os noivos de braço dado atravessar as multidões que se apinham nas festas publicas ou particulares, os bosques solitarios, ou vaguear romanticamente por entre as sombras da noite. Prazeres e pezares tudo compartilham, reputando-se felizes por sentirem nos seus corações as mesmas alegrias e as mesmas tristezas. O seu temperamento e a certeza de um dia serem um do outro, attenuam o perigo d'estas longas entrevistas. O homem

respeita aquella que um dia deverá usar do seu nome e dar á sua familia exemplos virtuosos; ella não emprega seducções que a rebaixariam e comprometteriam o seu futuro.

«Taes costumes não podem deixar de ser louvados. Asseguram o futuro da mulher e salvam-n'a da garridice; impõem ao homem o papel de chefe de familia, obrigam-n'o a



TRAJES DO DUCADO DE BADE

pensar no futuro, evitam-lhe a libertinagem, que tanto corrompe as almas como os corpos, emfim, transformando o amor n'um habito, tornam-n'o permanente.

«Quando, por fim, chega o dia das bodas; esperado durante tantos annos, os esposos conhecem-se profundamente e, não tendo a

receiar as decepções, teem a probidade do coração, cimentada pela affeição sincera baseada na mais absoluta confiança.»

Esta descripção dos costumes allemães refere-se, sobretudo, aos habitantes do sul d'Allemanha: aos Austriacos. É no sul da Allemanha que se encontra a actividade pa-

ciente e a doçura de costumes descripta pelo doutor Clavel. Mas essas qualidades não são

o apanagio dos habitantes do norte e dos d'oeste. Os Allemães do norte e d'oeste evi-



TRAJES DA BAVIERA (MUNICH)

denciaram-se bem durante a guerra de 1870-1871, depois que uma serie de fatalidades de-

ploraveis e de inconsequencias funestas entregaram a nossa desgraçada patria ao poder



TRAJES DA BAVIERA (MUNICH)

do invasor. Então viu-se o que se devia julgar da sinceridade, da ingenuidade e da doçura dos povos d'além do Rheno. Essa sinceridade tornou-se n'uma ferocidade não disfarçada; essa ingenuidade n'uma grande má

fé; essa doçura em violencias brutaes. O odio, o furor invejoso dos Prussianos, que se desencadearam sobre a França na intenção confessada de a reduzir á impotencia e de a riscar, se fosse possivel, da cathgoria

de nação, as suas meditadas crueldades, os saques vergonhosos estão ainda muito presentes á memoria de todos para que seja necessario recordal-os.

Os sabios francezes acharam-se embaraçados para explicar a anomalia que existia entre os actos ferozes dos exercitos germanicos e a reputação totalmente opposta de que



TRAJES DA ALSACIA-LORENA. (STRASBURGO)

gosavam os nossos vizinhos d'além Rheno. Habitados a considerar os Allemães como homens socegados, sentimentaes e pensadores, em França todos ficaram dolorosamente surprehendidos por vêr os factos desmentir cruelmente uma opinião tão geralmente espalhada. Um trabalho ethnologico publicado

em 1871 por M. de Quatrefages na *Revue des Deux mondes*¹ veio dar uma explicação scientifica a esta anomalia.

M. de Quatrefages provou, por considera-

¹ Fasciculo de 15 de Fevereiro.

ções deduzidas da linguística, da geologia, da ethnologia e da historia, que os Prussianos propriamente ditos, isto é: os habitantes da Pomerania, do Mecklenburgo, do Brandeburgo, da Silesia, quasi nada possuem da raça germanica; que não são Allemães, mas que resultam do crusamento de Slavos e Finnezes com os habitantes primitivos d'aquellas regiões. Os Finnezes muito remotamente invadiram a Pomerania e a Prussia oriental; mais tarde os Slavos conquistaram a mesma zona, assim como o Brandeburgo e a Silesia. Alguns povos germanicos, aos quaes se deve juntar uma emigração franceza, que da França correu para a Prussia no reinado de Luiz xiv, depois da revogação do Edito de Nantes, vieram juntar-se aos Slavos e Finnezes, para darem, como producto, a raça prussiana contemporanea. Ora os Slavos do Norte teem uma aspereza de costumes bem conhecida, uma grande corpulencia de fórmas athleticas e os Finnezes, ou habitantes primitivos das costas do Baltico, teem, como caracteres proprios, a astucia e a violencia, conjugadas com uma notavel tenacidade. Os Prussianos modernos patenteiam todos estes defeitos dos seus antepassados.

Godron, naturalista de Nancy, que muito bem estudára a raça allemã, já tambem dissera: «Os Prussianos, nem são Allemães, nem são Slavos, são Prussianos!» Este facto foi demonstrado pelas indagações de M. de Quatrefages. Debaixo do ponto de vista ethnologico, os Prussianos são muito differentes das populações allemães que hoje estão curvadas ao jugo do imperador Guilherme, sob o pretexto da unidade germanica.

O auctor dos trabalhos sobre Allemanha, que tanto barulho fizeram, M. Victor Tissot, que, no seu livro *Voyage au pays des milliards*, fez conhecidas tantas particularidades curiosas e typicas dos Allemães do norte, descreveu esplendidamente a mulher allemã n'uma pagina da sua ultima obra: *Les Prussiens en Allemagne*.

«A mulher d'além Rheno, diz M. Victor Tissot, nunca representou o papel brilhante da mulher franceza. Não tem distincção, não possui as elegancias d'espírito, nem de *toilette*. Póde-se dizer que a mulher allemã não tem individualidade. A mulher culta tem sempre o ar d'uma professora d'instrucção primaria. Repete o que aprendeu. Nunca tem

um dito d'espírito, uma phrase original. E' vulgar, sem graça. As proprias princezas n'uma sala, ou em qualquer reunião, dão gargalhadas como filhas de porteiros.

«Nos campos a mulher allemã por vezes lembra a matrona romana. Nas granjas abastadas a mãe de familia está sentada n'uma cadeira alta no meio das suas filhas e das suas criadas, vigiando os trabalhos internos.

Na casa do aldeão pobre a mulher substitue as cavalgadas, puxando as carroças. A mulher do povo faz os mesmos trabalhos peizados do homem. Em geral a mulher, quer na casa do burguez, quer na do nobre, é sempre a primeira criada. Os escriptores moralistas allemães chamam a isto «dar-lhe o seu verdadeiro logar, desenvolvendo-lhe as suas aptidões domesticas, tornando-a a mãe de familia, a mãe modelo». N'estas condições é a mulher que governa a casa.

«A vida de familia como ella é em França, as conversações intimas junto do fogão, a palestra descuidada entre amigos, em geral não existe na Allemanha. O allemão só tem predilecção pela vida de taverna. No sul e no norte as mulheres acompanham os maridos a esses antros. Quantas vezes vi eu, em Munich, aos domingos de tarde, sahir d'uma cervejaria uma familia inteira com o pae á frente, de chapéo ao lado, ensarilhando com a bengala e cantando, a mãe seguindo-o após, apresentando todos os symptomas d'um profundo enjôo, a ama de crianca ao collo, fazendo bordos e os pequenos mais velhos atraz agatanhando-se e esmurrando-se».

Duas linguas escriptas differentes existem entre os povos germanicos: a lingua neerlandeza e a lingua allemã.

Da lingua neerlandeza derivaram-se tres dialectos: o *hollandez*, o *flamengo* e o *frisão*.

O habitante da Hollanda é, por indole, reservado e taciturno. O seu caracter á naturalmente simples. Possui em alto grau os sentimentos patrioticos. E' capaz d'enthusiasmos e de dedicacão para defender a sua singular e curiosa patria, conquistada ao mar por diques e trabalhos extraordinarios e cortada por numerosos canaes, que servem de meio ordinario de communicacões e que ligam entre si tanto os rios e os mares, como as cidades umas ás outras.

O Hollandez no decimo setimo seculo fazia o maior commercio maritimo do globo e fundou um certo numero de colonias. Desde

essa época o seu poder commercial decresceu consideravelmente, mas ainda hoje tem uma certa importancia.

A RUSSIA LIVRE

(Continuado do numero antecedente)

XXII

O EXILIO

Quatro dias antes da ultima insurreicção polaca, um official d'elevada patente, apresentou-se por alta noite a um dos meus amigos, um inglez que vivia em S. Petersburgo, com o qual elle tinha relações quasi intimas e disse-lhe:

— Eu vou partir; vim para lhe apertar a mão e pedir-lhe um favor.

— Vae partir?

— Vou. Tenho a licença no bolso; parto para o meu posto. Na proxima semana saberá novidades da maxima gravidade.

— Santo Deus! — exclamou o inglez, reflecta no que vae fazer, repare que é um official!

— Sou polaco e a patria chama-me. O senhor que é estrangeiro não póde comprehender a força do sentimento que me anima. Eu bem sei que, abandonando o serviço, comprometto o meu general; que o governo me classificará como desertor e que, se me saio mal da empreza, não me reputarão digno da morte do soldado. Sei tudo isso e todavia vou para onde o meu dever me chama.

— Mas a sua mulher..., a sua pobre mulher com quem, ha apenas um anno, casou!

— Ficaré em logar seguro. Pedi uma licença de tres mezes e tirei os passaportes; dentro de oito dias ella estará em França n'uma casa amiga. No *droschki*, que me trouxe aqui e que está á porta, está um cofre cheio d'ouro. Quero confiar-lh'o; restituirm'o-ha se fôrmos vencidos e só o entregará á pessoa que se fizer reconhecer pelo signal que vamos combinar. Éscuso dizer-lhe que o dinheiro é meu e que o deposito não o comprometterá, pois que será consagrado á caridade e não ás urgencias da guerra.

— E', supponho eu, disse o meu amigo, uma parte da sua fortuna.

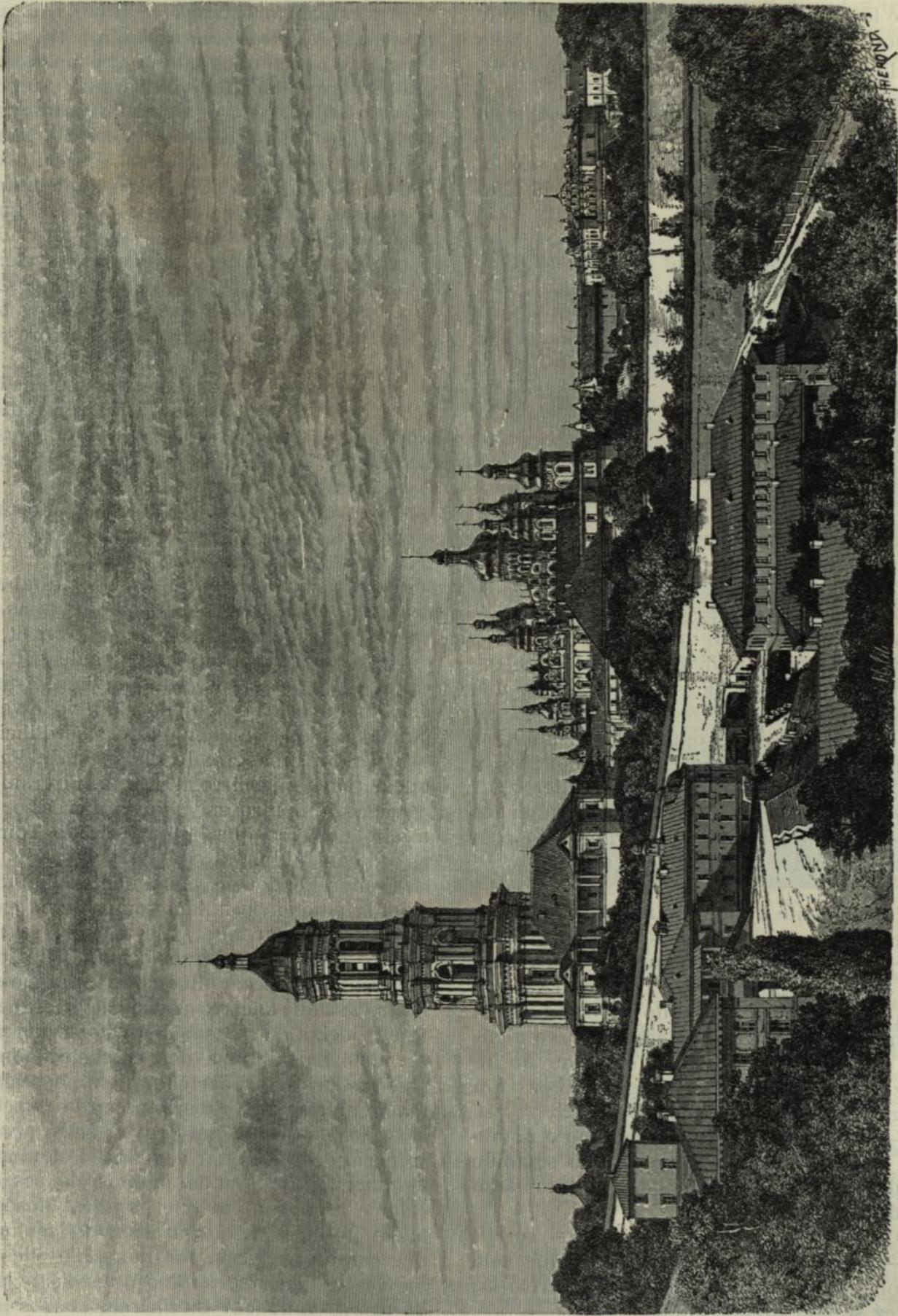
— E'; e aceita-a?

O cofre foi transportado para cima. O official partiu. Em menos d'uma semana a revolta rebentou em muitos pontos; diversos combates tiveram logar e os Polacos, sob o commando dos seus chefes, obtiveram as vantagens, que são sempre o resultado dos ataques imprevistos. A attenção publica começou a fixar-se em tres ou quatro nomes desconhecidos. De repente o general L... adquiriu uma grande fama; as suas marchas rapidas, os seus ataques audaciosos, as suas victorias quasi diarias assustaram a côrte da Russia, até que uma forte divisão foi dirigida contra elle. Então o chefe rebelde foi esmagado pelo numero; alguém dissé mesmo que o valente general succumbira n'esta lucta. Uma noite o meu amigo acabava de lêr n'um jornal a narrativa batalha, quando o seu creado lhe entregou um bilhete de visita com estas palavras:

A CONDESSA B...

A dama insistia para ser recebida mesmo n'aquelle momento. Este nome era desconhecido do inglez, que se apressou a recebê-la, encontrando uma senhora nova ainda, muito pallida, franzina e de luto pesado.

— Vim ter com o senhor, disse ella immediatamente, por causa d'uma obra de caridade. Um joven official arrastou-se desde o campo da batalha até minha casa; estava tão exaustado de forças pelo sangue que borbulhava das suas feridas, que a todos os momentos o julgavamos vêr expirar. Os papeis que lhe encontramos fizeram-nos saber que o ferido era o general L... Passou uma noite em minha casa, mas a febre violenta fazia-o delirar. Repetia com ternura o nome de Maria; talvez o nome de sua esposa!... Logo de manhã cedo uns soldados o vieram bus-



CONVENTO DE SANTO ANTONIO, EM KIEV — Desenho de E. Théron, segundo uma photographia

K. A. DE MEXICO

car e levaram-no preso; mas antes de se ir embora ponde dar-me este bilhete de visita e supplicou-me que o viesse entregar ao senhor.

— Foi mesmo a senhora que o trouxe da Polonia?

— Eu tambem sou uma victima, disse ella. Não havia tempo a perder; vim de lá aqui em tres dias.

— Conhecia o general?

— Não senhor. Era um desgraçado; soccorri-o. Nem mesmo lhe sei o nome.

Lançando um olhar sobre o bilhete, o meu amigo viu que elle apenas continha o seu nome e a sua morada; isto:

George Herbert

Sergie street.

SAINT-PETERSBURG.

Mas conheceu a letra.

— Santo Deus! exclamou, este bilhete foi-lhe entregue pelo general L...?

— Por elle mesmo.

Meia hora depois o meu amigo tinha uma conferencia com um individuo que tinha influencia nas altas regiões. Procurou-se o ministro da guerra, conseguiu-se que este se interessasse pelo preso, mas não dissimulou as poucas esperanças que tinha de bom exito.

— O general Mouravieff, disse elle, é severo e tem poderes illimitados; e o meu infeliz ajudante tomou parte na campanha. Desertor, rebelde, o que se póde allegar para o salvar?

Infelizmente o ministro não teve occasião de manifestar os seus bons desejos: um telegramma enviado por Mouravieff poucas horas depois, annunciou que o general L... tinha sido enforcado. Quando o meu amigo foi ao ministerio da guerra para saber se alguma coisa tinha sido tentada em favor do infeliz general, um gesto lhe deu a saber o fim tragico do malaventurado official.

— Poder-me-ha dizer, perguntou o ministro, o nome de que usava o meu segundo ajudante entre os insurgentes? Esse tambem ainda não appareceu.

O visitante não ponde deixar de se sorrir.

— Pensa, replicou o ministro, que esta revolta foi organisada na minha secretaria; talvez se não engane muito.

Arkhangel, o Caucaso, a Siberia, n'uma palavra todas as fronteiras do imperio russo tiveram o seu contingente de prisioneiros. O reinado actual tem diminuido muito o numero das deportações e mesmo, durante um certo tempo, os trabalhos publicos d'Arkhangel substituiram as minas da Siberia. O deserto asiatico não foi todavia completamente abandonado; grandes criminosos, alguns condemnados politicos são ainda enviados para além dos montes Urals; mas o systema tem-se suavizado n'estes ultimos tempos: o nome Siberia deixou de ser essa palavra terrivel representando uma morte horrorosa e fatal.

Não é raro encontrarem-se grupos de homens novos que, partindo de Mezen e d'Arkhangel vão atravessar os Urals em busca de fortuna; para estes aventureiros a Siberia é o Eldorado, a terra promettida!

O terror que envolvia a Asia como uma sinistra mortalha foi em grande parte destruido pela sciencia.

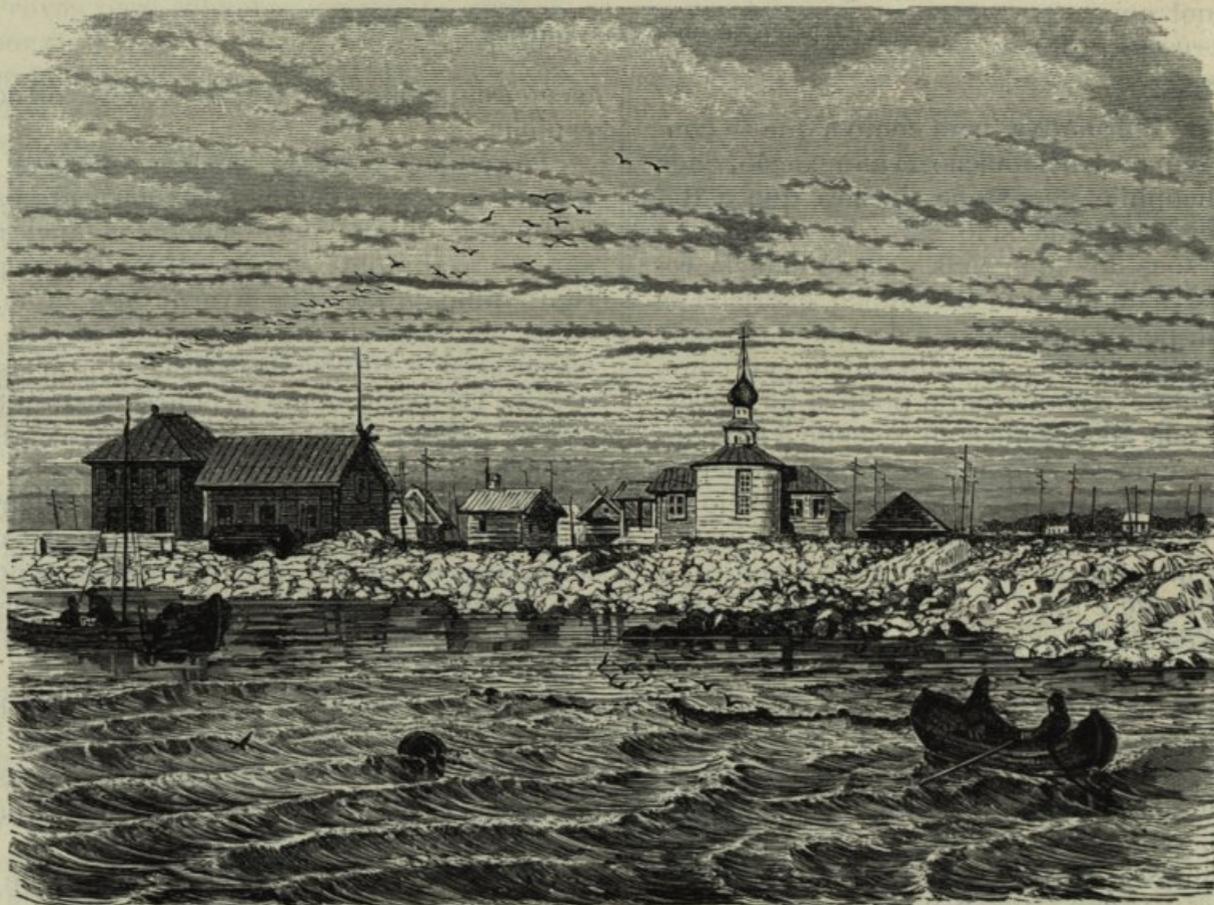
Foram abertas communicações; estabeleceram-se relações mais estreitas com as diversas tribus. Agora sabe-se que Tomsk, da qual só o nome fazia antigamente gelar o sangue nas veias dos que o ouviam, é uma encantadora cidade situada n'um valle vecejante encostada a uma magestosa cordilheira. Não está a uma grande distancia de Perm que é quasi um bairro de Kazan. Fizeram-se estradas, e dentro em poucos mezes, o caminho de ferro que ligará Perm a Tomsk estará concluido.

Comprehendeu-se egualmente que uma colonia penitenciaria tem sempre uma existencia curta ou que pelo menos, se não morre, depressa se transforma. O homem, podendo estabelecer em qualquer parte o seu lar, a casa que encerra as suas alegrias, o seu futuro, deixa de se considerar como um preso. Está na natureza dos estabelecimentos penitenciaris o crear com o tempo perigos á mãe patria; uma Siberia povoada com Polacos tornar-se-hia um grave perigo para o Imperio; seria uma segunda Polonia no Oriente. Já um grande numero de pessoas calcula a epocha em que os filhos dos exilados politicos serão na Asia os senhores dos cargos publicos. Não lançarão elles na Siberia os germens d'uma potencia polaca, da igreja catholica? Os liberaes russos pen-

sam que um dia a Siberia será para o Imperio o que os Estados-Unidos são para a Inglaterra.

Os exilados enviados para as fronteiras pertencem ás mais diversas classes. Ha nobres e plebeus, padres e seculares; criminosos do Estado, hereticos, schismaticos fabricantes de moeda falsa; uns foram conde-

mnados pelo imperador, outros pelos tribunaes e ainda outros pela Egreja. Os que foram exilados por ordem do ministro da policia ou d'um governador de provincia não são mettidos nas prisões, nem ficam adstrictos ao trabalho. São submettidos a uma certa vigilancia; ficam inscriptos em registros especiaes e devem, de tempos a tempos,



ALDEIA RUSSA — Desenho de I. Moynet, segundo uma photographia

apresentarem-se ao chefe militar do lugar. Fóra d'estas formalidades são completamente livres. Frequentam a sociedade e se são conhecidos como exilados é por causa da sua intelligencia e pela reserva da sua linguagem. Os que não teem fortuna exercem profissões liberaes. Uns ensinam musica ou lingoas, outros exercem a medicina ou a advocacia; muitos tornam-se secretarios ou caixeiros de funcionarios e negociantes russos. Ha muitos que desempenham empregos na administração rural. N'uma das minhas excursões em *tarantasse* visitei uma duzia d'aldeias em que os juizes de paz eram Polacos.

Tres mil homens, feitos prisioneiros em Varsovia foram deportados para Arkhangel durante a ultima insurreição. Fortes com o numero tornaram-se tão audaciosos que os seus projectos de revolta ameaçaram a segurança da cidade. O governador a toda a pressa chamou tropas das provincias vizinhas e o ministerio da guerra teve d'affastar todos os polacos prussianos e austriacos que na precipitação do castigo tinham sido mandados para as costas do mar Branco.

Tinham-os alojados n'um edificio que servira de arsenal antes do Estado ter transferido para o Sul estes estabelecimentos; a sua

existencia, posto que pouco suave, era igual á das pessoas no meio das quaes viviam. Eram tratados com bondade pelos officiaes, pois que lhe respeitavam a coragem com que se tinham batido; permittiam-lhes o serem visitados. A sua alimentação era abundante

e de boa qualidade e mais d'uma sentinella, que lhe passeiava á porta d'arma ao hombro, lhe teria invejado a sua ração de pão e rancho.

(Continúa).

A QUESTÃO DO TRANSVAAL

(Continuado do numero antecedente)

ESTA affirmativa, bem como a que se contém na proclamação da annexação, onde sir Theophilo Shepstone declara que a Republica «só tinha sido salva dos ataques e «incursões dos indigenas pela influencia repressiva do Governo Britannico, exercida de «Natal, pelo representante de sua Magestade «n'aquella colonia», tiveram sem duvida como resultado determinarem a politica do Governo de Sua Magestade com respeito á annexação; e como foram só este supposto perigo imminente para o Transvaal e o receio de uma conflagração geral, que podiam justificar a intervenção do Governo Britannico, é conveniente e importante que investiguemos as bases que houve para justificar semelhantes affirmações.

Deve ter-se em mente que em geral, qualquer informação a respeito de negocios cafreaes, que se tem nos Governos da Metropole ou colonial, ou no publico inglez, é emanada de Sir Theophilo Shepstone, e que todas as as opiniões sobre aquelles assumptos são apenas o reflexo das d'elle.

As allusões que elle faz á consideração em que é tido pelos indigenas o dominio britannico, e á influencia repressiva exercida pelo representante de Sua Magestade em Natal, presumimos quasi com certeza que se referem unicamente ao poder e á influencia exercida por elle; e é claro que o proprio governo de Sua Magestade assim o pensou, pelo constante alarde que nos despachos publicados se faz da influencia pessoal do commissario.

Desejamos mostrar que, quaesquer que sejam os motivos reaes em que essa persuasão se paseie, nenhum testemunho para a robustecer foi adduzido, excepto aquillo que é apenas, uma opinião individual, e que em

taes circumstancias deveria ser recebida com cautella.

Perguntamos agora se taes opiniões se podem justificar, depois de as encararmos á luz que os ultimos acontecimentos lançaram sobre o assumpto; se com effeito houve perigo eminente de uma invasão dos zulus, e se as medidas que se adoptaram seriam as necessarias e sufficientes para conjurar esse perigo. Tal receio, como ha pouco mostramos, nunca o sentiu o governo nem o povo da Republica.

Até á occasião da annexação, fazendeiros nossos occupavam herdades isoladas na fronteira, sem o minimo receio de perigo, e poucas semanas antes, apenas, uma pequena patrulha nossa tinha perseguido o chefe Umbeline até ao coração da Zululandia. Foi só depois de se fazer a annexação, que as habitações dos nossos lavradores foram incendiadas, e que elles com suas mulheres e creanças, se viram obrigados a retirar-se para as planicies.

Declaramos sem hesitação alguma, que foi ao caminho seguido por sir Theophilo Shepstone que se deve a crise em que hoje se está.

O Ketchwayo, julgando-se animado pelo governo do Natal ou por Sir T. Shepstone nas exigencias que estava fazendo ao Transvaal, ia-se sem duvida tornando de dia para dia mais insolente e exigente, mas as ameaças que elle fazia ao Transvaal, e que só chegavam ao Transvaal, por intermedio de Natal, produziam pouco ou nenhum effeito, até que, com o avançar das tropas britannicas, elle foi levado a fazer um movimento semelhante para a fronteira.

Com muita ingenuidade, tentou o Ketchwayo incitar um governo de brancos contra outro governo de brancos, e, segundo elle a principio suppoz, com algum exito. Não ad-